



CRISTOLOGIA

PNEUMATOLOGIA



LIÇÃO 1

CRISTOLOGIA

“A pessoa e a obra de
Jesus Cristo”

LIÇÃO 1: CRISTOLOGIA

APRESENTAÇÃO

“Qualquer tentativa de expor de modo breve e completo a identificação, o ministério e os ensinamentos de Jesus deve ser vista como algo semelhante à tentativa de por o oceano dentro de uma xícara.” (R. M. Champlin)

A fé em Jesus Cristo é o pilar do cristianismo. Todos os debates e controvérsias ao redor de uma doutrina genuína desde os primeiros anos do cristianismo giram em torno de questões acerca da natureza de Jesus Cristo. Por isso é de grande importância que este assunto deva ser amplamente discutido em todo e qualquer ambiente teológico.

Como já visto, Cristologia é o estudo que trata da pessoa e da obra de Jesus Cristo, dos seus atributos como Deus e como homem, bem como do relacionamento entre suas duas naturezas.



LIÇÃO 1: CRISTOLOGIA

FORMAÇÃO DO PENSAMENTO TEOLÓGICO ACERCA DA PESSOA DE JESUS CRISTO

Pelo que temos conhecimento Jesus Cristo nada nos escreveu, entretanto, muitos autores cristãos e não-cristãos sentiram a grande necessidade que perdura até os dias de hoje de escrever a respeito da sua pessoa e da grande influência que Ele causou e ainda causa na vida da humanidade.

De um modo geral e bem simplista podemos resumir toda a história do desenvolvimento cristológico em três períodos:

- De 50 d.C. – 700 d.C. □ A construção da Cristologia foi amplamente discutida, fundamentada e oficializada nos concílios.
- De 800 d.C. – 1500 d.C. □ A Cristologia permanece inalterada. Houve a necessidade de se criar meios de mediação com Deus por falta de uma compreensão correta das escrituras.
- De 1500 d.C. – presente data □ Cristologia tem sido alvo de uma constante desconstrução-construção por diversas linhas religiosas. Estudos acerca da pessoa de Jesus Cristo tem sido aceita de diversas formas.



LIÇÃO 1: CRISTOLOGIA

FORMAÇÃO DO PENSAMENTO TEOLÓGICO ACERCA DA PESSOA DE JESUS CRISTO

Paralelamente a isto a história da humanidade está se desenvolvendo da seguinte forma:

- De 4000 a.C. – 476 d.C. ▯ Idade Antiga (queda do Império Romano do Ocidente).
- De 476 d.C. – 1453 d.C. ▯ Idade Média (conquista de Constantinopla pelos turcos otomanos e conseqüente queda do Império Romano do Oriente).
- De 1453 d.C. – 1789 d. C. ▯ Idade Moderna (Revolução Francesa).
- De 1789 d.C. – até os dias atuais ▯ Idade Contemporânea.

Quando estamos falando acerca da pessoa de Jesus Cristo, é impossível ficarmos dissociados das doutrinas e dogmas estabelecidos pela igreja. Este conjunto de credos e normas regidos pela igreja teve seu estabelecimento através dos concílios, onde os mesmos foram fundamentados e oficializados.



LIÇÃO 1: CRISTOLOGIA

FORMAÇÃO DO PENSAMENTO TEOLÓGICO ACERCA DA PESSOA DE JESUS CRISTO

O “primeiro” concílio que se tem na história é datado de 49 d.C., conhecido como Concílio de Jerusalém. Foi este provavelmente convocado pelo apóstolo Pedro “Tornando-se acesa a discussão, levantou-se Pedro e disse:...”. (At 15. 7).

Diversos foram os concílios e cada qual sua importância na elaboração dos dogmas, doutrinas, credos e costumes que fundamentaram a construção de todo o pensamento teológico que temos conhecimento. Os concílios mais importantes podem ser definidos como:

- 325 d.C. – Nicéia - Condena o Arianismo como heresia e exila Ário. Proclama a igualdade de natureza entre o Pai e o Filho.
- 431 d.C. – Éfeso - Condena o Nestorianismo como heresia. Afirma a unidade pessoal de Cristo.
- 451 d.C. – Calcedônia - Condenação do monofisismo. Afirma a unidade das duas naturezas, completas e perfeitas em Jesus Cristo, humana e divina.
- 553 d.C. – Constantinopla - Condena os ensinamentos de Orígenes e outros. Condena os documentos nestorianos.
- 680 d.C. – Constantinopla - Dogmatiza as duas naturezas do Cristo. Condena o monotelismo.



FORMAÇÃO DO PENSAMENTO TEOLÓGICO ACERCA DA PESSOA DE JESUS CRISTO

John Scott propõe a seguinte divisão histórica na variação do pensamento cristológico. No período Medieval (600-1500) embora preservada, a cristologia sofreu um desequilíbrio enfatizando mais a divindade de Jesus do que sua humanidade, razão pela qual neste período a humanidade se relacionava melhor com Maria, os santos e os padres do que com o próprio Jesus Cristo. No período da Reforma (1500-1800) houve uma constante busca pela cristologia ortodoxa onde Lutero divinizou o Jesus homem e humanizou o Cristo divino. De 1800 pra cá, diversas linhas ideológicas tem repensado a cristologia, dentre elas o criticismo bíblico e o liberalismo



DIVERGÊNCIAS DA FÉ CRISTÃ ACERCA DA PESSOA DE JESUS CRISTO

Os pais da igreja, ou seja, os primeiros líderes da igreja cristã, já iniciaram seus ministérios imersos em questões sobre a verdadeira humanidade de Jesus Cristo e como consequência questões sobre a verdadeira divindade de Jesus bem como questões acerca das duas naturezas se relacionavam entre si.

Várias foram as correntes filosóficas que defenderam ou criticaram a divindade e humanidade de Cristo. Algumas defendiam puramente sua humanidade não reconhecendo sua divindade, outras, porém, refutavam sua humanidade dando ênfase somente a sua divindade. A seguir estudaremos as principais correntes que abordam as naturezas de Jesus Cristo e como elas se relacionam entre si.



DOUTRINAS HERÉTICAS ACERCA DA PESSOA DE JESUS CRISTO

- A não existência

Alguns pensadores antigos tanto quanto alguns modernos tem preferido acreditar que Jesus Cristo realmente nunca existiu, mas que surgiu uma espécie de “culto ao Salvador” que acabou criando personagem “Messias” posteriormente identificado como Jesus. De modo geral, esta teoria não tem sido bem aceita nos círculos históricos, ortodoxos ou mesmo liberal. De fato é impossível demonstrar a não existência de Jesus Cristo, pois seria do mesmo modo impossível demonstrar a não existência de vários personagens antigos que mencionaram a existência de Cristo. Jesus foi mencionado por diversos historiadores romanos como Tácito, Suetônio, Plínio, Flávio Josefo, bem como por seus maiores críticos judaicos no Talmude, chamando-o de mágico e enganador do povo.

LIÇÃO 1: CRISTOLOGIA

DOCTRINAS HERÉTICAS ACERCA DA PESSOA DE JESUS CRISTO

- Gnósticos

É provável que o gnosticismo tenha surgido como um segmento cristão, no Egito, entre o fim do século I e o início do século II. Muitos escritos do gnosticismo foram encontrados incluindo o chamado o evangelho segundo São Tomé. Os gnósticos criam que a matéria ou é má ou tão corrompida que o redentor divino não poderia associar-se a ela. Por isso negavam a verdadeira humanidade de Cristo.

Os gnósticos formularam três conceitos diferentes:

1. Negavam a realidade do “corpo humano” de Cristo. Ensinavam que Cristo apareceu na pessoa de Jesus, mas que este nunca foi realmente um ser humano. Tal “cristologia” é conhecida por docetismo (do grego dokeo, aparecer ou parecer). Para eles Jesus apenas se parecia com o homem. Toda a sua existência na terra teria sido uma farsa. Ele teria se fingido ser carne e sangue.
2. Afirmavam que Cristo tinha um “corpo real”, mas negavam que fosse material.



LIÇÃO 1: CRISTOLOGIA

DOCTRINAS HERÉTICAS ACERCA DA PESSOA DE JESUS CRISTO

- Gnósticos

3. Ensinavam uma “cristologia” dualista pela qual “Cristo” teria entrado em “Jesus” no batismo e o abandonado pouco antes de sua morte. “Cristo” teria usado o corpo de “Jesus” para viver aqui na terra, afirmando assim que “Jesus” e “Cristo” eram duas pessoas distintas.

Os trechos de 1ª João 1.1 e 4.2-3, epístola aos Filipenses 2.6, Apocalipse 1.8, epístola aos Hebreus 1.8, epístola aos Colossenses 1.13-23 e epístola aos Efésios 1.15-23 parecem ser tentativas para combater diversos aspectos dessas idéias acerca de Jesus. Pelas passagens mencionadas entende-se que os gnósticos negavam a verdadeira humanidade de Jesus por quanto não diziam que “... Jesus Cristo veio em carne...” e negavam a deidade essencial de Jesus Cristo provavelmente rebaixando-o a alguma ordem de anjos.



LIÇÃO 1: CRISTOLOGIA

DOCTRINAS HERÉTICAS ACERCA DA PESSOA DE JESUS CRISTO

- Agnósticos

O termo agnóstico provém de duas palavras gregas a, “não”, e gnosis, “conhecimento”, que significa literalmente “não conhecimento”; numa oposição ao gnosticismo. Os agnósticos procuravam negar a Deus e a sua existência, dizendo que não se pode conhecê-lo. Ensinavam que a mente humana não podia conhecer a realidade. Negavam, pois, a Deus e o sacrifício redentor de Jesus Cristo pela humanidade.

- Adocianismo

O adocianismo foi promovido por Paulo de Samosata, bispo da Síria. Ele e seus seguidores criam que Jesus Cristo foi apenas homem, muito especial, “adotado” por Deus como seu profeta especial e “filho”. A maioria dos adocianistas descrevem Jesus como “a face humana de Deus” ou “o deputado e representante divino entre os seres humanos”. Estas afirmações negam a divindade ontológica (igualdade com o ser eterno de Deus) e rebaixam Jesus a uma criação especial de Deus.



LIÇÃO 1: CRISTOLOGIA

DOUTRINAS HERÉTICAS ACERCA DA PESSOA DE JESUS CRISTO

- Arianismo

O arianismo que derivou o seu nome de Ário, presbítero de Alexandria em 256-336 d.C., é um pouco mais que uma forma sofisticada de adocianismo afirmando a origem de Cristo antes do seu nascimento como bebê em Belém, ele foi também a maior criatura divina, mas não é Deus e nem igual a Ele, porém poderia ser objeto de adoração dos homens. Ário acreditava que a deidade essencial jamais poderia identificar-se com a esfera humana porquanto isto seria uma espécie de contaminação. As modernas Testemunhas de Jeová “sociedade torre de vigia” confessam esta cristologia sem denominar arianismo. Creem que Jesus Cristo foi encarnação do arcanjo Miguel. Esta cristologia apresenta os mesmos defeitos do adocianismo.



LIÇÃO 1: CRISTOLOGIA

DOCTRINAS HERÉTICAS ACERCA DA PESSOA DE JESUS CRISTO

- Apolinarismo

Apolinário, bispo do império Romano Oriental, ensinava que Jesus Cristo não possuía alma ou espírito humano racional.

De acordo com a sua visão tricotômica dos seres humanos, Apolinário defendia a encarnação divina em Jesus Cristo afirmando que Ele tinha corpo (matéria) e alma irracional humanos (força animadora da vida), mas era desprovido da alma racional humana (mente, espírito), sendo esta preenchida pelo logos divino. Assim, Jesus Cristo era visto como “Deus em um corpo”. Gregório de Nazianzo criticou o apolinarismo dizendo: “o Deus que não assumiu (incorporado em si mesmo na encarnação) não foi salvo”. Isto significa que se Jesus Cristo é o mediador entre Deus e a humanidade e se a encarnação é necessária para a salvação, então, o salvador encarnado, Jesus Cristo, precisava ter humanidade e divindade plenas e completas.



LIÇÃO 1: CRISTOLOGIA

DOCTRINAS HERÉTICAS ACERCA DA PESSOA DE JESUS CRISTO

- Nestorianismo

Nestório, bispo de Constantinopla, negava a união verdadeira entre as duas naturezas de Cristo. As duas naturezas estavam separadas em duas personalidades em Jesus. Em sua vida, Jesus agia ora com a natureza humana ora com a divina.

Para Nestório, o filho eterno de Deus entrou em um relacionamento inigualável com Jesus Cristo humano desde o primeiro instante de seu nascimento, deste modo, apenas o lado humano experimentou o conhecimento limitado, os sofrimentos e a morte, ao passo que o lado divino realizou os milagres, permaneceu ileso as fraquezas e sofrimentos, bem como a morte.



LIÇÃO 1: CRISTOLOGIA

DOCTRINAS HERÉTICAS ACERCA DA PESSOA DE JESUS CRISTO

- Eutiquianismo e monofismo

Eutico, monge em Constantinopla (378-454 d. C.), opôs-se ao nestorianismo negando as duas naturezas divinas em Jesus Cristo dando origem ao monofismo (gr. monos, “uma”, e physis “natureza”). Para ele, a natureza humana de Cristo foi absorvida pela divina de modo que ambas foram alteradas em algum grau resultando em uma “terceira natureza”. Esta terceira natureza nada mais é do que uma mistura dos elementos divinos e humanos, deste modo, não era nem verdadeiramente Deus nem verdadeiramente homem, mas um ser híbrido.



LIÇÃO 1: CRISTOLOGIA

DOCTRINAS HERÉTICAS ACERCA DA PESSOA DE JESUS CRISTO

- Ebionismo

Os ebionistas surgiram no começo do século II. Eram judeus cristãos que não abriram mão das cerimônias judaicas.

Para eles, Jesus Cristo por ocasião do seu batismo no Jordão foi agraciado com poderes sobrenaturais considerando como mero homem sobrenaturalmente encarnado. Os ebionistas não conseguiam aceitar Jesus Cristo como Deus, pois isto feria o seu conceito de monoteísmo, assim os ebionistas consideravam Jesus apenas como um profeta extraordinário.



LIÇÃO 1: CRISTOLOGIA

O CONSENSO CRISTÃO ACERCA DA PESSOA DE JESUS CRISTO (C. CALCEDÔNIA)

O ensino bíblico a respeito da plena divindade e plena humanidade de Jesus Cristo é claro, mediante as muitas referências bíblicas. O entendimento exato de como a plena divindade e a plena humanidade se combinavam em uma só pessoa tem sido ensinado desde o início da igreja, mas só alcançou a forma final na definição de Calcedônia em 451 d.C.

O concílio elaborou uma definição da fé cristã correta, unificadora, que encerrou uma longa controvérsia entre cristãos e se tornou a declaração cristológica ortodoxa para todos os cristãos. A definição de Calcedônia equivocadamente chamada de credo de Calcedônia é considerada oficial pelas igrejas ortodoxa, católica romana, luterana, cristã reformada, anglicano e protestante.



LIÇÃO 1: CRISTOLOGIA

O CONSENSO CRISTÃO ACERCA DA PESSOA DE JESUS CRISTO (C. CALCEDÔNIA)

Fiéis aos santos pais, todos nós (do concílio de Niceia e do concílio de Constantinopla), perfeitamente unânimes, ensinamos que se deve confessar um só e o mesmo Filho, nosso Senhor Jesus Cristo, perfeito quanto à divindade e perfeito quanto à humanidade, verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem, constando de alma racional e de corpo; consubstancial (homoousios) ao Pai, segundo a divindade, e consubstancial a nós, segundo a humanidade; “em todas as coisas semelhante a nós, excetuando o pecado”, gerado, segundo a divindade, antes dos séculos pelo Pai e, segundo a humanidade, por nós e para nossa salvação, gerado da virgem Maria, mãe de Deus (theotokos). Um só e mesmo Cristo, Filho, Senhor, Unigênito, que se deve confessar, em duas naturezas, inconfundíveis, imutáveis, inseparáveis e indivisíveis.



LIÇÃO 1: CRISTOLOGIA

O CONSENSO CRISTÃO ACERCA DA PESSOA DE JESUS CRISTO (C. CALCEDÔNIA)

A distinção das naturezas de modo algum é anulada pela união, mas, pelo contrário, as propriedades de cada natureza permanecem intactas, concorrendo para formar uma só pessoa e subsistência (hipostasis); não dividido ou separado em duas pessoas, mas um só e mesmo Filho Unigênito, Deus Verbo, Senhor Jesus Cristo; conforme os profetas outrora a seu respeito testemunharam, e o mesmo Jesus Cristo nos ensinou e o credo dos pais nos transmitiu.

Alguns estudiosos encontram dificuldades para entender a combinação da divindade e da humanidade de Jesus Cristo. No próximo capítulo, examinaremos através das escrituras cada detalhe de como a humanidade e a divindade de Cristo se harmonizam.



LIÇÃO 1: CRISTOLOGIA

HUMANIDADE DE JESUS CRISTO NA BÍBLIA

- A vida natural humana de Jesus Cristo

A bíblia nos fornece diversos relatos que provam indubitavelmente a natureza humana de Jesus Cristo. O primeiro aspecto que podemos analisar é o fato de Jesus Cristo estar inserido nas listas das genealogias humanas (Mt 1.1 -16; Lc 3.23-38).

Seu nascimento foi normal e humano (Mt 1.25; Lc 2.7; Gal 4.4). Seu crescimento e desenvolvimento foram aparentemente normais (Lc 2.40-52; Hb 5.8).

Ele esteve sujeito as limitações físicas, como cansaço (Jo 4.6), fome (Mt 21.18), sede (Mt 11.19). Sofreu intensa agonia de alma e de corpo antes da morte física (Mc 14.33-36; Lc 22.44,63; 23.33).

Experimentou todas as categorias de emoções humanas: alegria (Lc 10.21), tristeza (Mt 26.37), amor (Jo 11.5), compaixão (Mt 9.36), surpresa (Lc 7.9), ira (Mc 3.5).

Padeceu e morreu nas mãos dos homens (Lc 22.44; Jo 19.33). Sofreu descaso e o desprezo das pessoas (Mt 13.55-58; Mc 15.30; Lc 16.14; 22.67).



LIÇÃO 1: CRISTOLOGIA

HUMANIDADE DE JESUS CRISTO NA BÍBLIA

- A vida religiosa de Jesus Cristo

Jesus Cristo como judeu teve sua vida marcada por atividades religiosas. Como a própria bíblia nos ensina, Cristo não teve o propósito de abolir as leis do povo, mas sim de cumpri-las (Mt 5.17). Assim sendo, podemos ver diversos aspectos de sua vida religiosa.

Cristo participava da adoração pública (Lc 4.16).

Estudava, meditava e explicava as escrituras (Mt 4.4; 19.4; Lc 2.46; 24.27).

Orava publicamente (Lc 3.21) e individualmente (Mt 14.23), e as vezes orava durante toda a noite (Lc 6.12).

Ele foi submisso ao Pai e totalmente dependente ao Pai que o enviara (Jo 6.38; 12.49).

A vida religiosa de Cristo mostra sua condição humana.



LIÇÃO 1: CRISTOLOGIA

HUMANIDADE DE JESUS CRISTO NA BÍBLIA

- O conhecimento limitado de Jesus Cristo

Embora Cristo fosse incomparavelmente aos homens no seu conhecimento (Jo 1.47; 4.29; Lc 6.8; 9.47) e compreendesse a escritura do Antigo Testamento de maneira singular (Mt 22.29; 26.54, 56; Lc 4.21ss; 24.27, 44ss), contudo, o conhecimento de Cristo mostrava-se de alguma forma limitada (Mc 5.30ss; 6.38; 9.21; Lc 2.46; Mc 13.32).

Esta circunstância de ter seu conhecimento limitado evidencia sua natureza humana.



LIÇÃO 1: CRISTOLOGIA

HUMANIDADE DE JESUS CRISTO NA BÍBLIA

- As tentações de Jesus Cristo

Cristo foi tentado como nós em todas as coisas, mas nunca pecou (Hb 4.15). Neste ponto podem surgir duas objeções:

* As tentações de Cristo não foram reais porque Ele não tinha natureza pecadora como nós. A resposta a esta objeção é que os puros também sofrem tentações assim como Adão e os anjos (Gn 3.1, 6, 13; Is 14.12; Ez 28.15; Jd 6).

* Cristo não podia pecar, dada a sua natureza sem pecado. Respondemos dizendo que é preciso considerar a intensidade das tentações. Em nosso caso, Deus filtra as tentações antes que elas cheguem até nós (1 Co 10.13).

Qual teria sido a medida da intensidade da tentação que Deus permitiu para seu Filho? (Mt 4.4ss; Lc 22.44). O fato de ele ser tentado como nós revela que Cristo tinha a nossa natureza.



LIÇÃO 1: CRISTOLOGIA

HUMANIDADE DE JESUS CRISTO NA BÍBLIA

- A vida sem pecado de Jesus Cristo

É preciso lembrar que Jesus Cristo, embora humano, estava livre da depravação moral provocada pela queda (Hb 4.15; 7.26; 2Co 5.21) e de qualquer transgressão pessoal.

Portanto, segundo a bíblia, não pode haver dúvidas de que Cristo era de natureza humana, como nós, mas com a diferença que ele não tinha a natureza corrupta que nós temos, nem tampouco praticou qualquer tipo de pecado durante toda a sua vida.



LIÇÃO 1: CRISTOLOGIA

A DIVINDADE DE JESUS CRISTO NA BÍBLIA

Assim como a humanidade, a divindade de Cristo também é revelada através das escrituras como podemos ver nos tópicos a seguir.

- Os aspectos miraculosos relacionados com Jesus Cristo

Jesus Cristo, foi em sua vida e obras, envolvido por tantos fatos miraculosos, de modo que não se pode negar que ele estava acima da categoria humana. A geração sobrenatural de Jesus (Lc 1.34,35), seus muitos milagres, demonstrando poder sobre a natureza, o corpo e a vida do homem, os espíritos maus, o fato da sua ressurreição, com as aparições miraculosas, sua ascensão, tudo isto revela a natureza divina de Jesus Cristo. Nenhum outro foi como ele nestes aspectos.



LIÇÃO 1: CRISTOLOGIA

A DIVINDADE DE JESUS CRISTO NA BÍBLIA

- A consciência de Jesus Cristo acerca de sua divindade

O próprio Cristo tinha consciência da sua divindade. Ele mesmo se iguala ao Pai na vida (Jo 5.26), na honra (Jo 5.23), na glória (Jo 17.5), na eternidade (Jo 8.58), no nome (Jo 8.24), na formula batismal (Mt 28.19).

Ele declara sua união com o Pai (Jo 5.18; 10.33,38). Portanto, não foram só os discípulos que creram ser Jesus o Filho de Deus. O próprio Cristo sabia da sua natureza divina.

- As prerrogativas divinas de Jesus Cristo

Jesus Cristo exerce atribuições que só cabem a divindade. Ele tem autoridade para perdoar pecados (Mc 2.10), para alterar a lei de Deus (Mt 5.21ss), tem autoridade sobre o sábado (Mc 2.28), sobre a vida dos homens (Mt 16.24-26), e tem poder para salvar os homens dos seus pecados (Mt 1.21; Jo 8.34-36). Se Ele pode todas essas coisas é porque Ele é divino.



LIÇÃO 1: CRISTOLOGIA

A DIVINDADE DE JESUS CRISTO NA BÍBLIA

▮ O testemunho dos apóstolos acerca da divindade de Jesus Cristo

Por fim temos o testemunho daqueles que conviveram com Cristo e ficaram encarregados de testemunhar de toda a verdade.

Para os apóstolos, Jesus Cristo é divino. Os escritos do Novo Testamento não deixam nenhuma dúvida a esse respeito. Basta ver textos como João 1.1, Romanos 9.5, Tito 2.13, Hebreus 1.8 e 1 João 5.20. Negar que Cristo tenha natureza divina é ignorar totalmente o testemunho claro da Palavra de Deus ou não crer no ensino das escrituras. Cristo não tinha só natureza humana, mas também é divina.



LIÇÃO 1: CRISTOLOGIA

A UNIÃO DAS DUAS NATUREZAS NA PESSOA DE JESUS CRISTO

Não basta considerar que Cristo é humano e divino, é preciso pensar também como que as duas naturezas se relacionavam em Cristo. Como pode uma só pessoa ser humana e divina? Como explicar este mistério?

- Elementos fundamentais na união das duas naturezas

Ao pensarmos na união da natureza divina e humana na pessoa de Cristo (união hipostática), não podemos deixar de considerar alguns elementos fundamentais que ajudam a entender um pouco este mistério.

- A imagem de Deus no homem

A imagem e semelhança do homem com Deus propicia uma base do divino com o humano na pessoa de Cristo. Há algo em comum entre Deus e o homem que tornou possível a união das duas naturezas em Cristo.

- A encarnação de Cristo

A encarnação foi o mistério da união. A segunda pessoa da trindade uniu-se a natureza humana, o eterno decidindo encarnar em um ser mortal. Assim as duas naturezas unem-se numa só pessoa.



LIÇÃO 1: CRISTOLOGIA

EXPLICAÇÕES DO MISTÉRIO DA UNIÃO

Tem havido varias teorias tentando explicar o mistério da união das duas naturezas em Cristo. Destacamos as principais teorias.

- Teoria da comunhão das propriedades

Deste modo de explicar, que é antigo, afirma que cada uma das duas naturezas, na união hipostática (numa pessoa), reteve suas propriedades essenciais, e ao mesmo tempo houve uma comunhão genuína entre as duas naturezas, de modo que as propriedades de uma eram verdadeiramente comunicadas a outra.

Desta forma, tentou-se evitar que se atribuísse certos atos de Cristo a sua natureza divina e outros a humana. Este conceito parece estar de acordo com algumas evidencias bíblicas.



LIÇÃO 1: CRISTOLOGIA

EXPLICAÇÕES DO MISTÉRIO DA UNIÃO

- Teoria “extra-calvinista”

Esta interpretação, cujo nome se deve ao fato de ter sido defendida pela igreja reformada do século XVI, afirma que o Verbo eterno jamais renunciou suas funções e atributos, mesmo durante o tempo em que esteve aqui na terra. Ele sempre foi o sustentador de todas as coisas (Cl 1.17; Hb 1.3) e permaneceu superior aos anjos (Mt 26.53; Hb 2.9).



LIÇÃO 1: CRISTOLOGIA

EXPLICAÇÕES DO MISTÉRIO DA UNIÃO

- Teoria do esvaziamento ou “kenosis”

Esta teoria também conhecido por kenosis, afirma que em sua humanidade o Verbo renunciou a muitos dos seus atributos divinos essenciais, como onipotência, onisciência, onipresença.

Sua base bíblica é Filipenses 2.7, onde se diz que Cristo “esvaziou-se” (gr. ekenosen). Uma forma modificada desta teoria argumenta que os atributos divinos foram tornados latentes ou exercidos apenas a intervalos ou ainda que a kenosis relacionava-se apenas com a consciência de Cristo e não com o seu ser. Parece evidente que Jesus estava de alguma forma limitado na sua pessoa humana quanto ao exercício dos poderes da divindade, mas não talvez quanto a sua qualidade de divino. Ele tinha a plenitude da divindade (Cl 2.9), mas nas limitações do seu corpo. Cristo, por estar na condição de humano, ficou limitado no exercício de algumas de suas atribuições divinas, mas sem deixar de ser divino.



LIÇÃO 1: CRISTOLOGIA

EXPLICAÇÕES DO MISTÉRIO DA UNIÃO

- Teoria da submissão ao Pai

Uma outra maneira de compreender a encarnação é apresentada por João (Jo 4.34; 6.38,44; 7.16; 7.27,50,54; 10.18), onde se ensina que Cristo é um Ser que vive em absoluta dependência do Pai. O Verbo participa da natureza divina em toda a sua plenitude, e como Filho é sempre proveniente do Pai.

Essa geração divina é expressa por Ele vivendo sob as condições humanas, em dependência completa e cheia de adoração ao Pai. Em cada momento e detalhe, todas as prerrogativas e perfeições da divindade estão ao seu dispor, mas Ele se submete a vontade do Pai em todas as coisas: conhecimento, palavras, atos, conflitos e sofrimentos.

Estas diferentes maneiras de se interpretar a união das duas naturezas na pessoa de Jesus não se excluem, necessariamente, mas representam diferentes pontos de vista da mesma realidade. Na pessoa de Jesus Cristo estão unidas as duas naturezas, humana e divina embora não se possa explicar exatamente como isto acontece.



LIÇÃO 1: CRISTOLOGIA

OS EFEITOS DA UNIÃO DAS DUAS NATUREZAS NA PESSOA DE CRISTO

Com a união das duas naturezas em uma só pessoa, Cristo tornou-se o perfeito mediador dos homens (1 Tm 2.5; 1 Jo 2.2; Ef 2.16-18; Hb 4.14-16). A união do divino com o humano em Cristo trouxe a glória do Filho de Deus para o homem e a morte do homem para o Filho de Deus. Sem dúvida, este foi o maior efeito da união. É provável que o Senhor Jesus tenha sido tentado no sentido de lançar mão das prerrogativas da sua divindade para aliviar os sofrimentos da sua humanidade, o que ele recusou terminantemente fazer (Mt 4.4ss; Mt 26.53,54).

Depois de provar e vencer a morte, Cristo foi glorificado, retornando ao seu estado de glória eterna (Jo 17.5), e assentando sobre o trono do universo junto com o Pai, deixando preparado o caminho para a glorificação dos que o seguem. Ele é, para sempre, Deus-homem (glorificado) (Hb 7.24-28).



LIÇÃO 2

CRISTOLOGIA

“A pessoa e a obra de
Jesus Cristo”

LIÇÃO 2: CRISTOLOGIA

OS ESTADOS E OS OFÍCIOS DE JESUS CRISTO

- Os estados de Cristo

Desde a reforma, a cristologia descreve a pessoa de Cristo como um personagem que passou por dois estados ou estágios: um de humilhação e outro de exaltação. Estes dois estados foram referidos na profecia (Is 52.13,14; 53.1-3,11,12), e confirmados nos escritos do Novo Testamento (Fl 2.6-11; 1 Pe 1.11).



LIÇÃO 2: CRISTOLOGIA

OS ESTADOS E OS OFÍCIOS DE JESUS CRISTO

- O estado de humilhação de Cristo

O estado de humilhação da pessoa de Cristo ocorreu no fato da encarnação e na vida terrena até a morte. O Verbo pré existente se fez homem (Jo 1.1,14). Nesta encarnação Cristo humilhou-se (Jo 17.5; Fl 2.6-8; 2 Co 8.9). Ele ficou sujeito as leis físicas e humanas (Lc 2.52; Gl 4.4). Como ser humano, ele, que é a segunda Pessoa da Santíssima Trindade, passou a ser, em tudo, dependente da Terceira Pessoa, o Espírito Santo. Ele foi gerado pelo Espírito Santo (Lc 1.34, 35), ungido pelo Espírito (Mt 3.16), conduzido à tentação pelo Espírito (Mt 4.1), levado a cruz pelo Espírito (Hb 9.4), ressuscitado pelo Espírito (Rm 8.11), fortalecido pelo Espírito para realizar as obras (Mt 12.28; At 1.2; 10.38). Ainda neste estado de humilhação, Cristo deixou de desfrutar dos poderes divinos para sua vida própria. Pelo menos na tentação (Lc 4.3,4) e na crucificação (Mt 26.53) foi isto que aconteceu. Ele, voluntariamente, assumiu a condição de humano para sofrer com os homens neste período de humilhação (Jo 10.17,18).



LIÇÃO 2: CRISTOLOGIA

OS ESTADOS E OS OFÍCIOS DE JESUS CRISTO

- O estado de exaltação de Cristo

Pela ressurreição e ascensão, Cristo passou para o estado de exaltação. Voltou a receber aquela glória que ele tinha antes da encarnação (At 7.55; Jo 17.5; Fl 2.9-11). Neste estado, Cristo assentou-se a destra de Deus, na glória que tinha antes da encarnação, e passou a exercer todos os atributos divinos.

Os dois estados de Cristo refletem os dois estados da vida do crente: o de humilhação neste mundo, e de exaltação na vida futura (Rm 8.17). Cristo participou da humilhação humana para que os Crentes participem da sua glória divina, mas sempre nesta ordem: primeiro a humilhação depois a glória (Hb 2.10; 1 Pe 1.4,11). Assim foi com o nosso Senhor, e assim será também com os seus discípulos: primeiro as aflições, por fim a glória incomparável (Rm 8.18).



LIÇÃO 2: CRISTOLOGIA

OS ESTADOS E OS OFÍCIOS DE JESUS CRISTO

- Os ofícios de Cristo

No antigo Testamento havia três ofícios ou funções fundamentais na vida do povo de Deus: o de profeta, sacerdote e rei. Esses ofícios eram exercidos por homens escolhidos, ungidos e investidos na função. As pessoas que ocupavam estas funções cumpriam um papel muito importante para a vida do indivíduo e do povo na sua relação com Deus. De um modo geral, por estes ofícios, o povo ouvia a Deus (através do profeta), fazia-se representar diante de Deus (pelo sacerdote) e tinha o governo político (do rei). Em Cristo, os três ofícios foram reunidos e Ele mesmo é o Profeta, o Sacerdote e o Rei. Assim Ele é um mediador completo e perfeito.



LIÇÃO 2: CRISTOLOGIA

OS ESTADOS E OS OFÍCIOS DE JESUS CRISTO

- Cristo como Profeta

O trabalho do profeta no Antigo Testamento era falar em nome de Deus. Ele interpretava os atos e os planos de Deus para os homens e orientava o povo nos caminhos traçados por Deus. Desta forma ele era um representante de Deus para o povo.

Cristo foi o verdadeiro profeta, anunciado desde Moisés (Dt 18.15). Os que creram em Jesus Cristo reconheceram ser Ele o profeta que devia vir ao mundo (Jo 6.14; At 3.22). Ele revelou Deus e sua vontade, não apenas com palavras, mas também em pessoa e obras (Hb 1.3).

Cristo realizou seu trabalho profético em diferentes épocas. De modo direto e pessoal, ele cumpriu sua função profética no período da vida terrena. Mas na sua preexistência, de modo indireto, ele exerceu a função de profeta, falando através de mensageiros, humanos ou angelicais (Jo 1.9; 1 Pe 1.11). Também depois da ascensão, ele falou pelo Espírito Santo aos apóstolos (Jo 16.12,13,25; 17.26). E parece que na glória ele continuará revelando as coisas do Pai aos santos (1 Co 13.12).



LIÇÃO 2: CRISTOLOGIA

OS ESTADOS E OS OFÍCIOS DE JESUS CRISTO

- Cristo como Sacerdote

O Livro de Hebreus descreve bem o exercício do ofício sacerdotal de Cristo. No Antigo Testamento o sacerdote era uma pessoa divinamente escolhida e consagrada para representar os homens diante de Deus e oferecer dons e sacrifícios que assegurassem o favor divino, e ainda para interceder pelo povo (Hb 5.4; 8.3). Mas o serviço era feito com imperfeição, quer pela fraqueza do sacerdote, quer pelo tipo de sacrifício que era oferecido.

Cristo realizou um sacerdócio perfeito. As duas naturezas, humana e divina, unidas nele, o seu caráter puro e o sacrifício de si mesmo tornam o seu sacerdócio ideal e perfeito diante de Deus.

O seu trabalho sacrificial foi consumado, historicamente, na cruz (Hb 10.12,14). Seu sacrifício foi único e de valor eterno, portanto, suficiente para a redenção da humanidade, sem que haja necessidade de qualquer outro sacrifício por parte dos homens (Hb 10.10).



LIÇÃO 2: CRISTOLOGIA

OS ESTADOS E OS OFÍCIOS DE JESUS CRISTO

- Cristo como Rei

Os profetas do Antigo Testamento falaram de um Rei que viria da casa de Davi, para governar Israel e as nações, com justiça, paz e prosperidade (Is 11.1-9). O anjo disse a Maria que Jesus seria este rei (Lc 1.32,33). Cristo mesmo afirmou que ele era o rei prometido (Jo 18.36,37). Depois da sua ressurreição, ele declarou seu poder sobre todas as coisas (Mt 28.18). Na sua ascensão, ele foi coroado e entronizado como rei (Ef 1.20-22; Ap 3.21). Jesus Cristo é Rei, e já está reinando, porém, não ainda de modo visível aos olhos humanos (Hb 2.8), nem de modo pleno (1 Co 15.25-28; Hb 10.13). Mas um dia Cristo estará reinando a vista de todo o mundo (Ap 11.15).

O reino de Cristo no presente se mostra mais na vida das pessoas que a ele se entregam, e das igrejas, que são as comunidades dos seus discípulos. Trata-se, no presente, de um reino espiritual, no coração e na vida do crente. Porém, um dia o reino de Cristo se mostrará em toda a sua plenitude na vida e no mundo, com “novos céus e nova terra, nos quais habita a justiça” (2 Pe 3.13).



LIÇÃO 2: CRISTOLOGIA

A OBRA SACRIFICIAL DE CRISTO

Dentro do ofício sacerdotal de Cristo está a sua obra sacrificial. Qual o significado da morte de Cristo? O que de fato aconteceu quando o Filho de Deus morreu? Interpretações, neste sentido, têm sido dadas no decorrer da história. Algumas são errôneas, outras apresentam aspectos bíblicos da expiação.

Nenhuma delas é suficiente para expressar toda a verdade bíblica da expiação. É preciso considerar todas elas e reunir os vários aspectos bíblicos que elas apresentam para se ter uma compreensão melhor do significado da obra de Cristo na cruz.



LIÇÃO 2: CRISTOLOGIA

INTERPRETAÇÕES DA MORTE DE CRISTO

- Teoria do acidente

Segundo esta maneira de ver, Cristo morreu porque foi envolvido acidentalmente em intrigas de oposições, assim como qualquer um poderia ter morrido. Mas isto representa apenas uma análise muito superficial do que aconteceu, porque a morte de Jesus foi profetizada pelos profetas (Sl 22; Is 53; Zc 11), e predita por Cristo mesmo (Mt 16.18). Além disto, a Bíblia considera a morte de Cristo algo significativo para a salvação, e não simplesmente um acidente.

- Teoria do Mártir

Pensadores há que entendem que Jesus morreu como um mártir, em defesa da causa que havia abraçado. A morte de Jesus mostrou sua integridade e fidelidade à verdade e aos seus princípios. Assim, ele deixa para nós um belo exemplo para ser imitado. Apenas um exemplo de integridade e fidelidade. Esta interpretação não leva em conta várias passagens bíblicas que dão à morte de Cristo significado além de mero martírio e de apenas um belo exemplo a ser seguido. Portanto, uma interpretação falha.



LIÇÃO 2: CRISTOLOGIA

INTERPRETAÇÕES DA MORTE DE CRISTO

- Teoria do Resgate

A ideia de resgate implica num preço a ser pago. A Bíblia ensina que o sangue de Cristo serviu de resgate, isto é, foi um preço pago pela nossa redenção (Mc 10.45; 1 Co 6.20; 1 Tm 2.6; 2 Pe 2.1). No princípio do Cristianismo, discutiu-se sobre a quem teria sido pago o preço. Alguns pais da Igreja entenderam que o preço teria sido oferecido ao Diabo, para resgatar os homens cativos de Satanás, mas, ao final, Cristo teria surpreendido (enganado) o inimigo, ressuscitando dentre os mortos, e derrotando o Diabo. Mas esta ideia do preço pago ao Diabo é errônea.

Não parece razoável nem bíblico que o sacrifício tenha sido oferecido a Satanás. Este não adquiriu nenhum direito sobre a humanidade, e a Bíblia não fala de nenhuma transação que Deus tenha feito com o Diabo. Foi Deus que, pela sua justiça e santidade, sujeitou o pecador ao domínio e às consequências do pecado, obras do Diabo, de cujo cativeiro Cristo nos resgatou (Hb 2.14,15). Então, Cristo nos resgatou do cativeiro do pecado e do Diabo a quem estávamos entregues pela justiça divina (Rm 1.24,26,28).



LIÇÃO 2: CRISTOLOGIA

INTERPRETAÇÕES DA MORTE DE CRISTO

- Teoria da Satisfação

Anselmo (1033-1109) desenvolveu a interpretação da satisfação. A posição de Anselmo era uma reação à teoria do resgate pago a Satanás. Segundo ele, o pecado do homem desonrou a Deus, e assim Deus não poderia simplesmente perdoar o pecador e ficar com a desonra. Ele exigia uma satisfação. Mas o homem não poderia dar esta satisfação, porque está no pecado, portanto, imperfeito. Então Deus mesmo providenciou o meio, enviando seu Filho para tomar o lugar do homem na cruz. Como Cristo não tinha pecado, sua morte resultou num mérito que é colocado a disposição dos que confiam nele.

Esta explicação de Anselmo tem elementos de verdade, como o fato de que o pecado é ofensa e desonra a Deus e o sacrifício de Cristo foi um meio para a satisfação das exigências divinas, e, desta forma, Deus é “justo e também justificador daquele que tem fé em Jesus” (Rm 3.26). Mas a interpretação não espelha toda a verdade. Falta-lhe a ênfase na união do pecador com Cristo e na transformação que disto resulta (Rm 6).



LIÇÃO 2: CRISTOLOGIA

INTERPRETAÇÕES DA MORTE DE CRISTO

- Teoria da Influência Moral

Abelardo (1079-1142) deu ênfase à influência moral ao interpretar a morte de Cristo. Ele estava se contrapondo a teoria de Anselmo, seu mestre. Para Abelardo, Cristo morreu porque se tornou humano. Mas assim fazendo, ele revelou o amor de Deus, na encarnação, nos seus sofrimentos e na sua morte. Esse amor, assim vivamente demonstrado por Cristo, exerce uma tal influência no coração do pecador que ele fica atraído ao arrependimento e a conversão a Deus. Arrependido e convertido, o homem liberta-se do egoísmo, que está na essência do pecado, e vive em amor para com Deus. Segundo esta maneira de ver, a base da salvação está no amor de Deus e na sua influência no coração do homem.

Esta interpretação é classificada como uma teoria subjetiva, por enfatizar o efeito da morte de Cristo no homem e não fora dele, em Deus. Tomada como a única explicação da obra de Cristo na cruz, esta interpretação é falha, mas ela expressa também uma parte da verdade, pois há textos bíblicos que enfatizam o papel do amor de Deus na redenção.



LIÇÃO 2: CRISTOLOGIA

INTERPRETAÇÕES DA MORTE DE CRISTO

- Teoria Governamental

Hugo Grotius (1583-1645) argumentou que Cristo sofreu como um exemplo penal para que a lei divina fosse honrada e, assim fazendo, Deus deu perdão aos pecadores. Esta teoria é chamada governamental, porque Grotius via Deus como um soberano ou chefe de governo que decretou uma lei (pena de morte para os pecadores), mas como Ele não queria que os homens morressem, abrandou aquela regra e aceitou a morte de Cristo como substituto. Ele poderia ter simplesmente perdoado a raça humana, se assim desejasse, mas tal ato não teria valor algum para a sociedade. A morte de Cristo era um exemplo público da profundidade do pecado e do ponto até onde Deus estava disposto a ir a fim de sustentar a ordem moral do universo. O governo moral de Deus, no mundo, precisou de uma manifestação de sua ira contra o pecado. O Filho de Deus deu o exemplo da ira divina. O problema desta teoria é que ela enfatiza a necessidade da morte de Cristo perante a sociedade, mas desconsidera a justiça de Deus que precisou ser ela mesma satisfeita para que Ele pudesse reconciliar o mundo consigo (Rm 3.25,26).



LIÇÃO 2: CRISTOLOGIA

INTERPRETAÇÕES DA MORTE DE CRISTO

- Teoria Penal

Os teólogos da reforma concordaram com Anselmo em que o pecado é algo muito sério, que desonra a Deus, mas consideravam que se tratava mais de uma violação da lei de Deus do que de uma ofensa contra a honra de Deus. Consideraram o pecado como uma transgressão a lei moral de Deus e, daí, uma ofensa ao caráter de Deus. Assim, a morte de Cristo foi um ato de amor de Deus em que ele colocou sobre o seu Filho o julgamento e a penalidade do pecado da humanidade imposta pela lei a cada indivíduo. A essência da obra redentora de Cristo está no fato de Ele tomar o lugar dos pecadores. Pela fé, o crente é justificado e perdoado, e na união com Cristo, o crente é moralmente transformado. Sem dúvida, este é um aspecto básico da expiação de Cristo. Jesus sofreu a pena da lei imposta sobre o pecado do homem, que é a morte (Ez 18.4,20; Rm 3.23; 6.23).

Ele foi um substituto nosso na morte (2 Co 5.14,15; Gl 4.4,5), e por ele somos justificados na condenação da lei (Rm 6.14; 7.4-6).



LIÇÃO 2: CRISTOLOGIA

DESTAQUES DAS IDÉIAS BÍBLICAS DA MORTE DE CRISTO

Algumas das teorias acima estudadas contêm aspectos da verdade bíblica acerca da morte de Cristo. Destacamos os aspectos do resgate, da satisfação, da influência moral, penal. Na obra sacrificial de Cristo foi pago um preço para libertação do pecado, a honra de Deus foi atendida, o amor divino foi demonstrado, a lei de Deus se tornou efetiva em sua punição de morte aos transgressores e com isto cessou a punição da lei para aqueles que recebem a justiça que vem de Cristo. “Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se maldição por nós” (Gl 3.13). A interpretação que melhor explica o significado da morte de Cristo é a penal, que vem desde a Reforma. Mas é preciso enfatizar dois aspectos inerentes à interpretação penal, de fundamental importância para a fé cristã.



LIÇÃO 2: CRISTOLOGIA

DESTAQUES DAS IDÉIAS BÍBLICAS DA MORTE DE CRISTO

- A morte de Cristo foi substitutiva

Cristo não morreu por seus próprios pecado. A Bíblia diz que ele morreu pelos pecados de outros. Portanto, sua morte foi substitutiva ou vicária. Assim como os sacrifícios no Antigo Testamento, que tinham um caráter substitutivo, Cristo também, que cumpriu e substituiu aqueles sacrifícios antigos, é oferecido como o “Cordeiro de Deus” no lugar dos pecadores. Entretanto, algumas objeções se levantam contra a morte substitutiva de Cristo. Elas são de ordem léxica e moral:

- Objeção de ordem léxica

Diz-se que a preposição grega anti pode significar “no lugar de”, mas a preposição huper, que é frequentemente usada quando se fala do sofrimento de Cristo, significa “em favor de”, “com vistas ao benefício de”, e nunca “no lugar de” ou “ao invés de”. Quanto à preposição anti não há dúvida de que ela significa “ao invés de” ou “no lugar de”. Mas também uper pode ser com o sentido de “ao invés de”, dependendo do contexto. Portanto, Cristo morreu não somente em nosso favor, mas em nosso lugar.



LIÇÃO 2: CRISTOLOGIA

DESTAQUES DAS IDÉIAS BÍBLICAS DA MORTE DE CRISTO

- **Objeção de ordem moral**

Como Deus poderia punir um inocente no lugar dos culpados? A resposta é que aquele que sofreu foi o próprio Deus que puniu, isto é, Jesus Cristo divino. Isto é possível, moralmente falando. Outra questão é se Deus já teve satisfação pelos pecados dos homens, então, perdão não é perdão, mas dever. A resposta é que quem perdoa é o mesmo que sofreu a penalidade, e para que haja perdão ele exige uma condição: arrependimento e fé.

- **A morte de Cristo foi propiciatória**

Na Bíblia, Deus apresenta-se as vezes como um Deus irado com o homem, por causa do pecado (Jo 3.36; Rm 1.18ss; 5.9; 1 Ts 1.10; Ap 6.17). O sacrifício de Cristo é revelado como um meio de reconciliação entre Deus e os homens (Rm 5.10; 2 Co 5.19,20; Cl 1.20). Pela morte de Cristo, a ira é desviada do homem e estabelece-se a paz (Jo 3.36; Rm 5.1).



LIÇÃO 2: CRISTOLOGIA

A DOCTRINA DA EXPIAÇÃO PELO SANGUE

Em Isaías 53.10, está escrito acerca da obra expiatória de Cristo

A doutrina em apreço é chamada de hilasmologia. Expição, para nós do Novo Testamento, é a morte de Jesus em nosso lugar para poder nos remir do pecado; salvar-nos do pecado – expiar é tirar o pecado: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (Jo 1.19). Expição tem a ver com o pecado (Lv 4; 16; 23).

- Quatro palavras para a salvação

Há quatro grandes palavras doutrinárias empregadas na Bíblia para nos revelar a extensão do valor da morte de Jesus, isto é, do seu sangue remidor, para tirar os nossos pecados. Tão vasto e infinito é o alcance da obra efetuada por Jesus que um só vocábulo das Escrituras não pode resumi-la.

A palavra “expição” aplica-se em relação ao pecado em se tratando da salvação quanto ao seu alcance, que é infinito (Sl 103.12; Is 53.10). Já “redenção” diz respeito à salvação em relação ao pecador e seu pecado.



LIÇÃO 2: CRISTOLOGIA

A DOCTRINA DA EXPIAÇÃO PELO SANGUE

Outro termo, “propiciação”, aplica-se à salvação quanto à transgressão, isto é, a salvação considerando o ser humano como transgressor. E a quarta palavra é “imputação”, que se relaciona com a salvação quanto ao seu “creditamento”, ou seja, a justiça de Deus “lançada em nossa conta”, pela fé no próprio Deus. Portanto, a salvação é tão grande e tão rica que uma só palavra não abarca o seu significado.

Tecnicamente a palavra “expiar” (hb. kapar) significa “encobrir”, “cobrir”, “ocultar”, “tirar da vista”. A primeira menção dessas palavras nas Escrituras está em Genesis 6.14 (hb. Kapar, “betumarás”, “calafetará”) e ilustra muito bem o seu emprego através da própria Bíblia, como Palavra de Deus.

Biblicamente, expiar é pagar, quitar, tirar os pecados de alguém, perdoar, mediante um sacrifício reparador exigido, mas também propiciador. Expiar, pois, é tirar o pecado mediante a morte de alguém como substituto do culpado e condenado. No nosso caso, foi Jesus que morreu por nós, pecadores perdidos. Sem expiação pelo sangue não há perdão do pecado (Lv 4.35).



LIÇÃO 2: CRISTOLOGIA

A DOCTRINA DA EXPIAÇÃO PELO SANGUE

- A necessidade da expiação

A expiação pelo sangue foi necessária para dar satisfação à Lei divina, caso contrário, essa Lei seria vã e seu Legislador escarneado. A pecaminosidade da natureza e dos atos do homem também tornou necessária a expiação divina.

Jesus, para expiar nossos pecados, bastava morrer por nós na cruz, mas para nos justificar diante de Deus e sua Lei violada, era preciso que Ele ressuscitasse (Rm 4.25; 5.10). Desse modo, a nossa ressurreição espiritual, ou seja, nossa regeneração, dependia da ressurreição dEle (1 Pe 1.3; Cl 3.1).

Há diferença entre expiação, a redenção e a propiciação todas realizadas por Jesus Cristo. A expiação é do pecado do pecador, a redenção é a pessoa do pecador e a propiciação tem a ver com Deus em relação ao pecador já perdoado (Lc 18.13; 1 Jo 2.2).



LIÇÃO 2: CRISTOLOGIA

A VITÓRIA DE CRISTO

A morte de Cristo não teria o significado redentivo que tem se não fosse a sua ressurreição e ascensão. A vitória de Cristo sobre a morte, através da ressurreição, e sobre as limitações da existência humana, pela ascensão, confirma a sua posição de glória, a validade de sua obra sacrificial em prol dos pecadores e proporciona aos seus discípulos uma esperança de glória futura.



LIÇÃO 2: CRISTOLOGIA

A RESSURREIÇÃO DE CRISTO

- A natureza da ressurreição de Cristo

O que foi a ressurreição de Cristo? Segundo os ensinamentos claros da Escritura, a ressurreição de Cristo foi verdadeira, corporal e singular. De fato ele havia morrido e a sua ressurreição foi verdadeira. Os testemunhos e os efeitos da ressurreição comprovam sua realidade. Cristo ressuscitou em corpo, e não apenas em espírito ou na lembrança de seus discípulos. Foi uma ressurreição única, diferente de qualquer outra que tenha havido antes, pois aquele corpo tinha propriedades diferentes de qualquer outro, e não estava mais sujeito a morte, nem às leis desta criação. Não foi simplesmente o voltar a vida do corpo que foi sepultado, mas o surgimento de um novo corpo, para uma vida de ordem diferente (Mt 28.1-9, 16-20; Mc 16.1-18; Lc 24.1-49; Jo 20.1-21; 14; At 2.31-32; 1 Co 15.3-20).



LIÇÃO 2: CRISTOLOGIA

A RESSURREIÇÃO DE CRISTO

- A importância da ressurreição de Cristo

A ressurreição de Cristo testifica da sua divindade (Rm 1.4), proclama sua vitória sobre o pecado (Hb 9.28), sobre os poderes das trevas (Ef 1.20-21) e sobre a morte (2 Tm 1.10), assegura a eficácia da sua obra redentora (Rm 4.25; 8.33,34; 1 Pe 1.3; 1 Co 15.15-19), evidencia a realidade do seu reino futuro, mostra-se como as primícias da colheita futura, que é a ressurreição dos crentes, o princípio da nova criação (1 Co 15-20-26; 2 Co 15.17; 2 Pe 3.13; Ap 21.22). Na ressurreição de Cristo emerge uma nova ordem de existência neste mundo que há de consumir-se na glória do mundo vindouro. Pela ressurreição, Cristo Jesus se torna esperança nossa (1 Tm 1.1).



LIÇÃO 2: CRISTOLOGIA

A ASCENSÃO DE CRISTO

A ascensão proclama o triunfo e a glorificação de Cristo.

Ele foi elevado “a destra de Deus, tendo subido ao céu; havendo-se lhe sujeitado os anjos, e as autoridades, e as potestades” (1 Pe 3.22). Ela sinaliza sua coroação, “de glória e de honra” (Hb 2.9), a sua exaltação máxima (Fl 2.9). A ascensão de Cristo também estabelece as condições sob as quais a igreja é chamada para servir: sob um Senhor que se acha agora exaltado como cabeça na terra e no céu (Ef 1.20-23). Ela dá à Igreja certeza de que Cristo, como Sumo-Sacerdote, levou a humanidade até à presença de Deus, e de lá intercede por nós (Hb 4.14-16; 7.25; 9.24; 1 Jo 2.1).

A ascensão garante o domínio futuro e final de Cristo em glória, pois ela evidencia a sua autoridade sobre o universo (1 Co 15.25).

Do céu, Cristo comanda a história, até que se proclame que “O reino do mundo passou a ser de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará pelos séculos dos séculos” (Ap 11.15).



LIÇÃO 3

PNEUMATOLOGIA

“A Doutrina do Espírito
Santo”

APRESENTAÇÃO

Neste capítulo trataremos da pessoa e obra do Espírito Santo. Quanto à pessoa, seremos sucintos, uma vez que parte deste assunto trata-se da doutrina da Trindade. No tocante à Sua obra, o enfoque estará mais relacionado com a redenção. O tema é de suma importância, pois a doutrina do Espírito Santo é básica na revelação do Novo Testamento e fundamental na vida do crente e da Igreja. Infelizmente, alguns aspectos da doutrina especialmente aqueles relacionados com a experiência prática do cristão, têm servido de motivo para discórdia e até divisões no meio do povo de Cristo. É preciso interpretar a verdade acerca do Espírito Santo à luz do ensino claro e uniforme da Palavra de Deus, com humildade e dependência dEle mesmo, "procurando diligentemente guardar a unidade do Espírito, no vínculo da paz" (Ef 4.3).

A NATUREZA E ATUAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO

NATUREZA DO ESPÍRITO SANTO

Saber o que ou quem é o Espírito Santo é de fundamental importância para a vida do cristão, pois este entendimento tem a ver com o tipo de relacionamento que deve haver entre o crente e o Espírito. Estudaremos o assunto, começando pela terminologia e depois considerando Suas qualidades essenciais.

LIÇÃO 3: PNEUMATOLOGIA

NATUREZA DO ESPÍRITO SANTO

- Nomes dados ao Espírito Santo

Os diversos nomes que o Espírito Santo recebe revelam aspectos da sua natureza. Os principais são: Espírito de Deus (Rm 8.9), Espírito de Cristo (Rrn 8.9), Consolador (Jo 14.16), Espírito Santo (I Co 6.19), Espírito Santo da promessa (Ef 1.13), Espírito da verdade (Jo 14.17), Espírito da graça (Hb 10.29), Espírito da vida (Rm 8.2 ; Ap 11.11).

Estes nomes se referem ao Espírito Santo na sua relação com a divindade e com sua obra na redenção. Gustaf Aulén declara que “onde está o Espírito de Deus aí está o próprio Deus presente de maneira efetiva”. O teor do conceito “Espírito Santo” é o mesmo do conceito de Deus. Nada se pode dizer do Espírito que não possa ser dito de Deus, nem se pode atribuir a Deus qualquer sentido que não se possa referir ao Espírito Santo. Onde quer que Deus atue, Ele o faz no Espírito e por meio dele.

Na obra da redenção, o Espírito Santo é identificado com o Espírito de Deus, com o Espírito de Cristo e com o próprio Cristo. O Espírito é um só. Toda a ação divina invisível e poderosa é ação de Deus em Espírito.



NATUREZA DO ESPÍRITO SANTO

- O Espírito Santo como um Ser pessoal

Por pessoa queremos dizer um ser que tem inteligência, pelo que é capaz de conhecer a si mesmo; autodeterminação, por isto que determina os seus próprios objetivos e os executa; consciência moral, isto é, sabe da existência do bem e do mal e do seu dever de evitar este e praticar aquele. Uma força impessoal, por mais poderosa que seja, não tem estas propriedades.

O Espírito Santo é um Ser pessoal, e não mera influência ou poder impessoal. E por ser assim, o Espírito requer de nós um relacionamento com Ele como de entre pessoas e não entre pessoa e coisa. No relacionamento interpessoal deve haver acordo de vontades, respeito e consideração mútua. Deus deixa isto claro ao referir-se à relação dEle com o seu povo Israel: “Acaso andarão dois juntos, se não estiverem de acordo?” (Am 3.3).



NATUREZA DO ESPÍRITO SANTO

As evidências de que o Espírito Santo tem natureza de pessoa são as seguintes:

- **Ele tem propriedades de pessoa:** Ele possui inteligência, consciência de si mesmo e da existência de outros seres, deliberação própria, ciência do bem e do mal, emoções. Estas qualidades são próprias de seres dotados de personalidade, e não de coisas ou meras energias, como o ar, o fogo, o vento, a luz.

- **Ele age como uma pessoa:** O Espírito Santo fala (At 13.2; Ap 2.7), ensina (Jo 14.26), convence (Jo 16.8-11), intercede (Rm 8.26), dá testemunho de Jesus (Jo 15.26); Ele guia os crentes (At 8.14,29), dirige os missionários na obra (At 16.6,7), constitui pastores nas igrejas (At 20.28), distribui dons (1 Co 12.7-11). Ele não poderia fazer nada destas coisas se não fosse um ser pessoal em sua natureza.



LIÇÃO 3: PNEUMATOLOGIA

NATUREZA DO ESPÍRITO SANTO

- **Ele pode ser atingido como uma pessoa:** O Espírito está sujeito a ser atingido pela mentira dos homens (At 5.3,4), ser ultrajado (Hb 10.29), blasfemado (Mt 12.31,32) e entristecido (Ef 4.30). Ele não poderia ser afetado por estas coisas se não fosse de natureza pessoal.

- **Ele é designado como parácleto:** O nome parácleto, dado ao Espírito Santo, significa ajudador, advogado, consolador; indica, portanto, função própria de uma pessoa (Jo 14.26; 1 Jo 2.1). Além disto, Ele é “outro Parácleto”, que veio para ocupar o lugar de Jesus na terra e continuar a obra da redenção. Este "outro" indica que Ele é da mesma natureza do primeiro, Jesus.

O Espírito Santo é um Ser dotado de personalidade e em nosso relacionamento com Ele é preciso levar em conta a Sua vontade, os Seus desejos, os Seus propósitos aos quais todo o nosso ser deve estar submisso.

- **O Espírito Santo como um ser divino:** O Espírito Santo é divino. Ele é a Terceira Pessoa da Santíssima Trindade.



LIÇÃO 3: PNEUMATOLOGIA

NATUREZA DO ESPÍRITO SANTO

Os fatos seguintes evidenciam que o Espírito é divino:

- **Ele é chamado Deus:** O apóstolo Pedro disse que Ananias mentiu ao Espírito Santo, e esclareceu que a mentira foi a Deus (At 5.3,4). O Espírito Santo é apresentado aqui como sendo Deus contra quem Ananias havia pecado.

- **Ele possui os atributos da divindade:** As qualidades inseparáveis de Deus, chamadas atributos divinos, e que pertencem somente à divindade, são também qualidades do Espírito Santo. Entre outras, apontamos a eternidade (Hb 9.14), a onisciência (Sl 139.1-6; 1 Co 2.10,11), a onipresença (Sl 139.7), a onipotência (Lc 1.35; Gn 1.2). Só a divindade tem estas características.



LIÇÃO 3: PNEUMATOLOGIA

NATUREZA DO ESPÍRITO SANTO

Obras divinas são atribuídas ao Espírito

Aquilo que Deus fez é considerado como obras do Espírito: a criação (Gn 1.2; Jó 33.4), a regeneração (Tt 3.5), a justificação e santificação (1 Co 6.11), a ressurreição (Rm 8.11), e outras. Mensagens proferidas no Antigo Testamento por Deus aparecem como sendo do Espírito Santo no Novo Testamento (Is 6.8,9 comp. c/ At 28.25,26; Jr 31.33,34 comp. c/ Hb 10.15,16).

O Espírito Santo é Deus invisível, presente conosco, com Quem temos de nos relacionar no dia a dia. Ele representa Cristo conosco hoje. Nossa subordinação ao Filho de Deus há de se expressar numa relação pessoal consciente com o Espírito Santo.



ETAPAS NA ATUAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO NA BÍBLIA

O Espírito Santo se revela em toda a Bíblia, de Gênesis ao Apocalipse. Entretanto, podemos distinguir três etapas na atuação do Espírito Santo na revelação bíblica: no Antigo Testamento, nos Evangelhos, e em Atos e Epístolas.

- No Antigo Testamento

Embora o nome Espírito Santo não seja comum no Antigo Testamento (cf. Is 63.10,11), contudo, Ele está presente e ativo em toda a história bíblica antiga. Normalmente Ele é chamado de "Espírito de Deus" e "Espírito do Senhor". A palavra hebraica, traduzida por espírito, é ruah, que pode significar fôlego, vento ou espírito. Quando aplicada a Deus, ela quer significar Deus em ação no mundo. Neste sentido, o Espírito é o "Executivo de Deus".

ETAPAS NA ATUAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO NA BÍBLIA

A atuação do Espírito de Deus no mundo, no relato do Antigo Testamento, pode ser claramente percebida nas seguintes áreas:

- **Na criação:** O "Espírito de Deus" aparece atuando na criação do mundo, gerando as coisas e estabelecendo ordem no caos (Gn 1.2; Jó 26.13).
- **Na história de Israel:** O Espírito atua na história de Israel, conferindo poderes especiais a certos homens para obras específicas (Ex 31.2-5; Jz 11.29,32;14.6).
- **Na revelação:** O Espírito dava aos profetas o conhecimento da vontade e dos desígnios de Deus, bem como o poder para comunicarem a mensagem divina (Nm 11.25; Ez 2.2;8.3; 11.1,2).
- **No caráter das pessoas:** Ele atuava também no caráter moral e espiritual das pessoas escolhidas por Deus (Sl 143.10; Is 63.10).

ETAPAS NA ATUAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO NA BÍBLIA

Mas no Antigo Testamento encontramos também duas grandes promessas sobre a atuação do Espírito de Deus no futuro:

- **Ele ungiria o Messias:** (Is 11.2;42.1;61.1-3). Esta promessa cumpriu-se na vida de Jesus, conforme o registro dos Evangelhos, e constitui a segunda etapa do ministério do Espírito na Bíblia.

- **Ele seria derramado sobre todos:** (Is 32.15; 44.3; Ez 39.28,29; JI 2.28,29). Esta promessa cumpriu-se no dia de Pentecostes e inaugurou a terceira etapa do ministério do Espírito, conforme o registro de Atos e das Epístolas.

ETAPAS NA ATUAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO NA BÍBLIA

- **Nos Evangelhos:** Nos Evangelhos, a atuação do Espírito Santo aparece especialmente relacionada com a vida e o ministério de Jesus. Foi o cumprimento da promessa de que Ele ungiria o Messias. O Espírito Santo gerou Jesus (Lc 1.35), desceu sobre Ele no batismo (Jo 1.32,33), guiou Jesus ao deserto para ser tentado (Mt 4.1; Lc 4.1), capacitou o Mestre para ensinar, pregar e realizar obras poderosas (Lc 4.18; At 10.38; Mt 12.27,28). Além disto, somos informados por outras partes da Bíblia que o Espírito Santo guiou Jesus na morte (Hb 9.14), ressuscitou-o (Rm 8.11) e capacitou o Senhor para dar mandamentos depois da ressurreição (At 1.2).

Nessa época, o Espírito Santo atuava também vida e no ministério de João Batista (Lc 1.15) e nos discípulos de Jesus (Jo 14.17; Jo 3.5,7). Quer dizer, o Espírito não estava restrito ao Filho de Deus. Ele continuava com suas operações gerais no mundo, como no Antigo Testamento, mas manifestou-se sobremodo na vida e no ministério de Jesus.

LIÇÃO 3: PNEUMATOLOGIA

ETAPAS NA ATUAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO NA BÍBLIA

- **Em Atos e nas Epístolas:** No livro de Atos e nas Epístolas temos o cumprimento da segunda grande promessa feita no Antigo Testamento acerca da obra futura do Espírito. Ele é encontrado atuando, de modo especial, na vida das pessoas, aplicando nelas a grande salvação preparada por Cristo. Ele aparece também agindo na vida das igrejas. Esta terceira etapa do ministério do Espírito Santo constitui a parte maior da Sua obra na redenção, assunto este que iremos abordar no próximo capítulo.

O DERRAMAMENTO E O BATISMO NO ESPÍRITO SANTO

Precisamos considerar o evento do derramamento do Espírito e os elementos mais importantes do fenômeno, para só depois tratarmos da questão do batismo no Espírito Santo.



LIÇÃO 3: PNEUMATOLOGIA

O DERRAMAMENTO DO ESPÍRITO SANTO

- Ocasões do derramamento do Espírito Santo

A promessa do derramamento do Espírito de Deus, prometida no Antigo Testamento, foi repetida por João Batista (Mt 3.11) e assegurada por Jesus (Lc 24.49; At 1.4,5); e foi Cristo mesmo que a cumpriu (At 2.33). O cumprimento histórico da promessa se deu no dia de Pentecostes, na cidade de Jerusalém (At 2.2-4), sobre os cristãos judeus. Esta interpretação foi dada pelo apóstolo Pedro (At 2.16-21). Mas houve outras manifestações posteriores, confirmando a promessa sobre grupos não judeus que estavam entrando para a igreja de Cristo.

- Em Jerusalém sobre os cristãos Judeus

No dia de Pentecostes, cinquenta dias após a Páscoa, realizava-se em Jerusalém a festa religiosa dos judeus, para comemorar a colheita das primícias dos frutos. Foi uma ocasião propícia para o derramamento do Espírito, porque ali estavam judeus e prosélitos de várias partes da terra, e também porque naquele dia seria feita a primeira colheita dos frutos do Reino a partir da obra consumada do Messias.



LIÇÃO 3: PNEUMATOLOGIA

O DERRAMAMENTO DO ESPÍRITO SANTO

- Em Samaria, sobre cristãos samaritanos

Em Samaria o Espírito foi derramado sobre os crentes samaritanos (At 8.14-17). Aqui o Espírito veio sobre os crentes depois do batismo deles nas águas, mediante a imposição das mãos dos apóstolos. Embora não se mencione nenhum sinal, é quase certo que houve, pois certamente Simão viu alguma coisa extraordinária acontecer, para saber que o Espírito Santo estava sendo dado mediante a imposição das mãos dos apóstolos (At 8.17,19).

- Em Cesaréia, sobre cristãos gentios

Na casa de Cornélio, o Espírito foi derramado sobre aqueles gentios convertidos a Cristo (At 10.44-46). Isto aconteceu no momento quando creram, antes do batismo nas águas. Não houve a imposição das mãos. Falaram em línguas, e por este sinal ficaram sabendo que o Espírito tinha sido derramado ali também.



LIÇÃO 3: PNEUMATOLOGIA

O DERRAMAMENTO DO ESPÍRITO SANTO

- Em Éfeso, sobre cristãos seguidores de João Batista

Em Éfeso o fenômeno se repetiu sobre um grupo que se considerava discípulos de João Batista (At 19.2-6). Provavelmente aquelas pessoas não eram convertidas, pois nem tinham ouvido falar do Espírito Santo, coisa que o próprio João havia pregado.

Quando ouviram falar de Jesus, foram balizados nesse nome. Com a imposição das mãos do apóstolo Paulo, eles receberam o Espírito Santo, falaram em línguas e profetizaram.

Esta diversidade de derramamentos do Espírito Santo, sobre os judeus, samaritanos, gentios, discípulos de João, foi necessária para convencer os judeus de que a promessa não era somente para eles, e também para comprovar o fato de que a igreja de Cristo não seria constituída somente de judeus, mas de pessoas de todas as raças e nações da terra. A promessa era para “toda a carne”, “para tantos quantos Deus nosso Senhor chamar” (At 2.39).



LIÇÃO 3: PNEUMATOLOGIA

ELEMENTOS IMPORTANTES DA PROMESSA

- O conteúdo essencial da promessa

A promessa do derramamento do Espírito tinha como conteúdo essencial a dádiva do Espírito Santo em abundância para todos os filhos de Deus. Noutras palavras, a promessa significava “o dom do Espírito Santo” a todos os que cressem (At 2.38). Os crentes em Jesus Cristo haviam de receber o Espírito (do Senhor), formando um corpo (a igreja) vivo para o Senhor Jesus.

Esta promessa só foi cumprida depois que Jesus Cristo consumou a obra de redenção na terra e foi glorificado no céu (Jo 7.37,38; 17.4). Antes da glorificação de Cristo, qualquer presença ou atuação do Espírito Santo não tem a natureza desta nova fase do seu ministério. No Pentecostes, o Espírito veio de maneira singular para interpretar a obra de Cristo e aplicar na vida das pessoas a salvação conquistada por Jesus mediante sua morte e ressurreição.



LIÇÃO 3: PNEUMATOLOGIA

ELEMENTOS IMPORTANTES DA PROMESSA

- Efeitos da vinda do Espírito

A promessa acerca do Espírito Santo falava também dos efeitos do seu derramamento (Jl 2.28-32; At 1.8). O profeta Joel fala em profecia, "sonhos" e "visões", sendo que estes dois últimos estão relacionados com a profecia, pois eram meios de Deus comunicar sua mensagem aos profetas (Nm 12.6). O profeta também se refere a manifestação de "prodígios no céu e na terra, sangue e fogo, e colunas de fumaça". São sinais que testificam da presença de Deus. Diz ainda que os "o sol se converterá em trevas, e a lua em sangue, antes que venha o grande e terrível dia do Senhor". Estes sinais cósmicos irão se cumprir, de modo pleno, no final dos tempos (Mt 24.29; Ap 6.12-14). Finalmente, o profeta se refere à salvação que resultará do derramamento do Espírito e dos seus efeitos: "E há de ser que todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo". Salvação é o fim maior da promessa da vinda do Espírito Santo. Em Atos, houve muitos destes efeitos, de modo a tornar inquestionável a ocorrência da dádiva do Espírito.



ELEMENTOS IMPORTANTES DA PROMESSA

- O tempo coberto pela profecia

A profecia acerca do Espírito cobre todo o tempo da era cristã, desde a primeira até a segunda vinda de Cristo. O profeta refere-se ao derramar do Espírito, no Pentecostes, e ao juízo final, bem como aos sinais que antecedem ao fim. Durante todo o período da dispensação da graça, o Espírito está sendo dado aos que crêem; os efeitos, especialmente poder para testemunhar e salvação dos perdidos, continuam acontecendo até o final dos tempos. Os sinais cósmicos, referidos na profecia, certamente, irão aparecer no fim dos tempos.

LIÇÃO 3: PNEUMATOLOGIA

O BATISMO NO ESPÍRITO SANTO

O que é o batismo no Espírito Santo? A divergência no entendimento desta questão tem causado divisão nas igrejas de Cristo, infelizmente. Precisamos nos esforçar para entendermos o significado bíblico do batismo no Espírito Santo e, mais que isto, devemos ser tolerantes e amorosos para com aqueles que pensam de modo diferente de nós, para que possamos "guardar a unidade do Espírito no vínculo da paz" (Ef 4.3). Há várias interpretações sobre o que seja o batismo no Espírito Santo.



LIÇÃO 3: PNEUMATOLOGIA

INTERPRETAÇÕES DO BATISMO NO ESPÍRITO SANTO

- Batismo como um recebimento especial (uma visão pentecostal)

Para alguns, os adeptos da doutrina pentecostal, o batismo no Espírito Santo é um recebimento especial do Espírito pelo crente, no ato de crer ou após a conversão, pelo qual ele fica cheio do Espírito Santo e de poder espiritual. Nesta interpretação, o batismo é chamado de "segunda bênção", por ser uma experiência distinta da conversão e recebimento do Espírito inicial, que seria a "primeira bênção".

O entendimento acima se subdivide em dois grupos: (1) Os que crêem que o batismo no Espírito será sempre acompanhado do falar em línguas (glossolália) desconhecidas. Tomam como base e modelo bíblico as experiências ocorridas no livro de Atos, quer dizer, em Jerusalém, em Cesaréia e em Éfeso. (2) Os que dizem que as línguas não são necessariamente a prova do batismo. Para estes, falar em línguas é um dom do Espírito, por isto só os que têm o dom é que podem falar (1 Co 12.30), enquanto que o batismo é para todos. Os que defendem as línguas como sinal do batismo dizem que as línguas faladas no batismo são diferentes daquelas dos dons espirituais.



LIÇÃO 3: PNEUMATOLOGIA

INTERPRETAÇÕES DO BATISMO NO ESPÍRITO SANTO

- Não é regeneração

Na obra regeneradora, o Espírito Santo transmite nova vida ao pecador conforme o texto de 2 Coríntios 5.17: "Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é: as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo". Na regeneração, o Espírito promove o novo nascimento, que é um ato direto do Espírito (Jo 3.5-8). No batismo com o Espírito Santo, após a conversão, o pecador é revestido de poder do alto para viver a nova vida em Cristo Jesus.

- Não é o perdão de pecados

Entendem os antagonistas do Movimento Pentecostal que o pecador recebe o batismo com o Espírito Santo no ato da conversão. Portanto, a mensagem de Pedro no Dia de Pentecostes distingue perfeitamente duas experiências: uma é a experiência da conversão, da regeneração; outra é a experiência do recebimento de poder e da habilidade para falar em línguas espirituais.



LIÇÃO 3: PNEUMATOLOGIA

INTERPRETAÇÕES DO BATISMO NO ESPÍRITO SANTO

- Não é o batismo no Corpo de Cristo

Quando o pecador se converte é imerso no Corpo de Cristo; passa a fazer parte da Igreja que é o seu corpo na terra. Paulo escreveu aos Gálatas 3.27: “Porque todos quantos fostes batizados em Cristo já vos revestistes de Cristo”. Esse texto nada tem a ver com a experiência do batismo com o Espírito Santo. Ser batizado em Cristo acontece no ato da regeneração, que é obra do Espírito Santo. Paulo disse aos coríntios: “Pois todos nós fomos balizados em um Espírito, formando um corpo” (1 Co 12.13).

- O batismo com o Espírito Santo não foi e não é uma experiência exclusiva dos dias apostólicos

Afirmam os que rejeitam a experiência para nossos dias que tudo quanto aconteceu no Dia de Pentecostes restringiu-se àquele dia. O cumprimento da promessa foi para a igreja que nascia naquele dia. Porém, o discurso de Pedro, naquele mesmo dia, inspirado pelo Espírito Santo, declarou que a promessa referia-se, a partir daquele dia, a todas as gerações da Igreja de Cristo na terra até a sua volta (At 2.38,39).



LIÇÃO 3: PNEUMATOLOGIA

INTERPRETAÇÕES DO BATISMO NO ESPÍRITO SANTO

- As línguas não cessaram

O ato de falar em línguas foi um sinal de evidência física que habilitou os discípulos a falar línguas desconhecidas por eles mesmos. O texto de Paulo é usado fora do contexto doutrinário com uma interpretação que satisfaz apenas os que rejeitam a importância do falar em línguas.

Quando Paulo escreve aos coríntios, diz o seguinte: "O amor jamais acaba; mas, havendo profecias, desaparecerão; havendo línguas, cessarão; havendo ciência, passará; porque, em parte, conhecemos e, em parte, profetizamos. Quando, porém, vier o que é perfeito, então, o que é em parte será aniquilado" (1 Co 13.8-10). Ninguém pode interpretar isoladamente um texto, uma frase ou mesmo uma palavra bíblica.

Chegará o dia "quando vier o que é perfeito", que não precisaremos de profecia, nem de ciência, dons de curar ou línguas, porque para sempre estaremos com o Senhor. Porém, aqui na terra, essas dádivas espirituais são necessárias. Por isso, declaramos com confiança: "As línguas não cessaram".



LIÇÃO 3: PNEUMATOLOGIA

INTERPRETAÇÕES DO BATISMO NO ESPÍRITO SANTO

- Habilidade para falar línguas espirituais

No Antigo Testamento não há qualquer indício de que alguma pessoa tenha experimentado "o dom de línguas". Essa experiência é nova e típica da nova dispensação da graça. A primeira experiência aconteceu exatamente no Dia de Pentecostes. A vinda do Espírito Santo foi promessa do Pai celestial e do próprio Jesus. A primeira evidência do batismo com o Espírito Santo é o "falar em línguas" classificado como "a evidência física inicial". Jesus, na sua mensagem final depois da ressurreição, falou aos discípulos, entre outras coisas, que eles falariam "novas línguas". Em Atos 2.4, no texto grego está escrito "heterias glossais", que significa "outras línguas". Aos coríntios, Paulo usa outra expressão que é "variedade de línguas". Noutras escrituras em 1 Coríntios 14.2,4,13,14,19,27, Paulo usa simplesmente o vocábulo "línguas" ou "falar línguas". Portanto, as línguas são manifestadas como um dom contínuo sob o controle daquele que fala, exigindo-se que haja interpretação, uma vez "o dom de línguas" manifesta-se coletivamente na igreja.



LIÇÃO 3: PNEUMATOLOGIA

INTERPRETAÇÕES DO BATISMO NO ESPÍRITO SANTO

- O falar em línguas como sinal

O ponto de partida da experiência do batismo com o Espírito é o sinal do “falar em línguas espirituais” desconhecidas para aquele que fala (At 2.4). O texto diz literalmente: “... e começaram a falar”. Não existe algum texto que utilize a palavra “sinal” para a experiência inicial do batismo com o Espírito Santo. Também não há nada que contrarie essa ideia, uma vez que não fere nenhum princípio hermenêutico, nem acrescenta nem desfaz o sentido do batismo com o Espírito Santo.

Outrossim, não há qualquer indício de que alguém no período do Antigo Testamento tenha falado em línguas ou tenha experimentado o “dom de línguas”. Essa experiência tornou-se evidência a partir do Dia de Pentecostes como promessa feita ainda no Antigo Testamento. Inicialmente a experiência do falar em línguas tornou-se um “sinal para os infiéis”, segundo a linguagem do apóstolo Paulo (1 Co 14.22). O sinal de línguas é uma graça especial ao crente que permite ao Espírito Santo ensinar o seu espírito interior a orar a Deus, independentemente do seu intelecto.



LIÇÃO 3: PNEUMATOLOGIA

INTERPRETAÇÕES DO BATISMO NO ESPÍRITO SANTO

- O dom de variedade de línguas

Na classificação dos dons do Espírito de 1 Coríntios 12.8-10, “o dom de variedade de línguas” está entre os dons espirituais listados por Paulo nesta escritura. A evidência inicial do batismo com o Espírito Santo é o sinal do ato de “falar em línguas”, mas não é o “dom de variedade de línguas”. A distinção está no fato de que todos os crentes podem receber o batismo com o Espírito Santo e falar em línguas para edificação própria. Porém, a manifestação de qualquer um dos dons espirituais tem finalidade coletiva e individual. Naturalmente, os dons são para toda a igreja como comunidade e nem todos os crentes balizados com o Espírito Santo recebem esse dom (1 Co 12.30). Existem grupos evangélicos que declaram que o falar em línguas é uma prática desnecessária à igreja de hoje. Incredulamente, declaram que as línguas pouco contribuem para o desenvolvimento da Igreja. Por isso, acham que é uma experiência sem importância para a vida cristã. Entretanto, todos os dons espirituais são importantes para a Igreja. A concessão desses dons depende, única e exclusivamente, do Espírito, que conhece cada um de nós.



LIÇÃO 3: PNEUMATOLOGIA

INTERPRETAÇÕES DO BATISMO NO ESPÍRITO SANTO

- A finalidade do dom de línguas

Existem cristãos que ensinam que o dom de línguas é o menor dos dons espirituais e que a superioridade de um dom é determinada não pelo dom em si, mas pela circunstância em que esse dom se manifesta. Sugere a ideia de que a Igreja Primitiva precisou de experiências sobrenaturais para fortalecer a fé dos convertidos, não sendo necessário esse dom para os crentes maduros na fé. Ora, essa ideia é inaceitável. Quando Paulo doutrinou a igreja de Corinto sobre o exercício dos dons, inclusive o dom de línguas, enfatizou a sua importância dizendo: “E eu quero que todos vós faleis línguas estranhas” (1 Co 14.5). E disse ainda mais: “dou graças ao meu Deus, porque falo mais línguas do que vós todos” (1 Co 14.18). Se a primeira evidência é o sinal do falar em línguas, o dom de falar em línguas tem a mesma finalidade: primeiro, a edificação própria do crente; segundo, a edificação da Igreja. Entretanto, a doutrina de Paulo quanto à manifestação das línguas na liturgia do culto só é válida quando acompanhada de outro dom que é o “dom de interpretação de línguas”.



LIÇÃO 3: PNEUMATOLOGIA

INTERPRETAÇÕES DO BATISMO NO ESPÍRITO SANTO

- Batismo com fogo

Todos os relatos do evangelho incluem algum comentário feito por João sobre o poder superior de Jesus (Mateus 3:11-12; Marcos 1:7-8; Lucas 3:15-17; João 1:32-34). Os relatos de Mateus e Lucas são os mais completos, e basicamente idênticos. “...disse João a todos: Eu, na verdade vos batizo com água, mas vem o que é mais poderoso do que eu, do qual não sou digno de desatar-lhe as correias das sandálias; ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo. A sua pá, ele a tem na mão, para limpar completamente a sua eira e recolher o trigo no seu celeiro; porém queimará a palha em fogo inextinguível” (Lucas 3:16-17).

O batismo com o Espírito Santo é identificado em outras passagens como visto anteriormente, mas apenas João Batista faz menção do batismo com fogo. Afinal, o que é o batismo com fogo? Existem pelo menos duas teorias a respeito deste fogo.



LIÇÃO 3: PNEUMATOLOGIA

INTERPRETAÇÕES DO BATISMO NO ESPÍRITO SANTO

- Batismo com fogo

Afinal, o que é o batismo com fogo? Existem pelo menos duas teorias a respeito deste fogo.

a) Fogo consumidor, ou fogo de justiça: Esta teoria se baseia no discurso de João Batista, onde é visto que a expressão “batizará com o Espírito Santo e com fogo” refere-se a dois batismos distintos para duas classes de pessoas distintas: (1) O batismo com o Espírito é para o trigo, ou seja, para aqueles que produziram, pela graça de Deus, frutos dignos de arrependimento. O trigo é recolhido no Seu celeiro em virtude de ser algo muito valioso, muito precioso. (2) O batismo com fogo é para a palha, ou seja, para aquelas “árvores” que não produziram frutos, as quais serão cortadas e lançadas no fogo.

Assim, a palha será separada do trigo, ou seja, os ímpios dos bons, e será queimada no fogo que nunca se apaga.



LIÇÃO 3: PNEUMATOLOGIA

INTERPRETAÇÕES DO BATISMO NO ESPÍRITO SANTO

- Batismo com fogo

b) Fogo de poder, o mesmo que o Espírito Santo: Outra teoria é que o “batismo com o Espírito Santo e com fogo” se refere a um só batismo, experimentado pelos crentes, esta teoria é baseada em Atos 2:3 “Apareceram línguas como de fogo, pousando sobre cada um deles”. Além de se basear em Atos, esta teoria se fundamenta no princípio hermenêutico do simbolismo do fogo com o Espírito Santo, ou seja, onde existe o Espírito Santo, ali também haverá o fogo de Deus.



LIÇÃO 3: PNEUMATOLOGIA

INTERPRETAÇÕES DO BATISMO NO ESPÍRITO SANTO

- Batismo como um acontecimento histórico coletivo

Alguns interpretam o batismo no Espírito Santo como aquele acontecimento histórico e coletivo, que ocorreu no passado, quando a promessa do derramamento do Espírito foi cumprida, conforme Atos 2.16,33; 11.16. Um fenômeno que não se repete, assim como a crucificação de Cristo que ocorreu uma só vez na história, permanecendo apenas os seus efeitos nas vidas das pessoas que se unem a Ele. Assim também o Espírito, uma vez derramado sobre a Igreja, permanece na terra (na igreja) e se estende a todos aqueles que se unem ao corpo de Cristo (1 Co 12.13).

Não se pode negar que o batismo no Espírito Santo tem um aspecto histórico e coletivo, já cumprido, sem necessidade de repetição (At 2.16ss; Mt 3.11; At 1.4,5). Por outro lado, ele também tem um sentido individual e permanente (At 2.39). A promessa já se cumpriu na história de modo inquestionável, e o Espírito permanece no mundo, especialmente na igreja. Todos aqueles que se convertem a Cristo recebem o mesmo Espírito e participam dos seus efeitos poderosos (Rm 8.6-9; 1 Co 6.11; Tt 3.5; 1 Pe 1.2).



LIÇÃO 3: PNEUMATOLOGIA

INTERPRETAÇÕES DO BATISMO NO ESPÍRITO SANTO

- Batismo como dádiva do espírito santo ao crente (uma visão conservadora)

Pra os adeptos da linha conservadora as interpretações acima acerca do batismo no Espírito Santo podem sofrer questionamentos da seguinte natureza: (a) O batismo é mesmo uma experiência distinta do recebimento inicial do Espírito Santo pelos crentes podendo ocorrer depois da conversão, como uma "segunda bênção"? (b) O falar em línguas é a prova cabal do batismo no Espírito? (c) Os acontecimentos de Atos servem como paradigma para a experiência de todos os crentes?

Nesta linha de pensamento, entende-se o batismo no Espírito Santo como sendo o ato de Deus dar o Seu Espírito para os crentes ao receberem a Jesus Cristo no coração como Senhor e Salvador; unindo-os ao Corpo de Cristo. A "promessa" é identificada pelo apóstolo Pedro como sendo "o dom do Espírito", o que significa o ato de Deus dar o Seu Espírito aos crentes. Para se receber esse "dom" o Espírito, a única condição é crer em Jesus. Quem crê nele, recebe o Espírito; isto é, recebe o batismo no Espírito Santo.



LIÇÃO 4

PNEUMATOLOGIA

“A Doutrina do Espírito
Santo”

LIÇÃO 4: PNEUMATOLOGIA

A OBRA DO ESPÍRITO SANTO NA VIDA CRISTÃ

- No início da Vida Cristã

É o Espírito Santo que aplica na vida do indivíduo a salvação e conduz o crente até alcançar a estatura completa de Cristo. Nesta obra do Espírito podemos destacar vários aspectos.

- **Convicção:** convicção é convencimento intelectual. O Espírito Santo atua no mundo, mediante a Palavra de Deus, e dá convicção quanto às realidades espirituais proclamadas no evangelho de Cristo, especialmente no tocante ao pecado e à justiça divina (Jo 16.8-11). Significa que o Espírito coloca a verdade diante da pessoa e atua no seu entendimento, iluminando-o, para entender a verdade e reconhecer que ela tem implicações vitais para a sua vida. Ele trabalha não só com o pecador para que seja salvo, mas o Espírito coloca também a verdade diante do cristão para que ele cresça (2 Tm 3.16,17).



LIÇÃO 4: PNEUMATOLOGIA

A OBRA DO ESPÍRITO SANTO NA VIDA CRISTÃ

- **Regeneração:** o Espírito dá vida espiritual ao crente e o santifica, unindo-o a Cristo. Neste ato regenerador, o crente é transformado moral e espiritualmente, e é colocado no Corpo de Cristo, a Igreja, em sentido universal.

- **Habitação no crente:** o Espírito Santo vem para o crente regenerado e habita nele. Antes do derramamento do Espírito, ele já atuava nos servos de Deus, capacitando-os para o desempenho de certas tarefas especiais, podendo ser algo temporário e provisório (1 Sm 16.14; Sl 51.11).

No Novo Testamento, depois do cumprimento da promessa, o Espírito Santo passou a habitar permanentemente no regenerado. A habitação do Espírito é um dom gratuito de Deus (Rm 5.5).

- **Selo do Espírito:** o Espírito Santo sela os regenerados no momento quando ele é unido a Cristo (Ef 1.13; 4.30; 2 Co 1.22). O selo indica que aquele indivíduo pertence a Deus, que ele tem a promessa da vida eterna garantida e está seguro eternamente. É por causa desta realidade espiritual que o crente é exortado a desenvolver a sua vida de santidade (C1 3.1-10).



LIÇÃO 4: PNEUMATOLOGIA

A OBRA DO ESPÍRITO SANTO NA VIDA CRISTÃ

- Na continuação da Vida Cristã

- **Santificação e Crescimento:** o Espírito Santo trabalha no indivíduo regenerado no sentido de torná-lo mais semelhante a Cristo, alvo e padrão de todos os salvos. Ele fortalece a nova vida íntima do crente (Ef 3.16), para combater contra as paixões da carne (Rm 8.6-9,11,13; G1 5.16-26), vencer as tentações e desenvolver a sua vida cristã.

Enfim, Ele promove a santificação progressiva no crente, e desenvolve nele o caráter cristão perfeito, refletido no "Fruto do Espírito".

- **Ensino e Consolo:** o Espírito Santo confirma no íntimo do crente a sua relação filial com Deus, e assim dá segurança espiritual aos nascidos de novo (Rm 8.14-17). Ele ajuda o crente quando está abatido e desanimado, de modo a não ficar nunca desamparado e só (Jo 14.16-18). Ele dá alegria e paz ao coração do cristão e enche-o de esperança (Rm 14.17; Rm 15.13).

O Espírito Santo ensina e dirige aquele que nasceu de novo para que conheça mais e mais a verdade e ande por ela (1 Jo 2.27).



LIÇÃO 4: PNEUMATOLOGIA

A OBRA DO ESPÍRITO SANTO NA VIDA CRISTÃ

- Na continuação da Vida Cristã

- **Poder Espiritual:** uma das obras distintivas do Espírito Santo na vida do crente é o poder espiritual. Esse poder se revela em coragem para proclamar o nome de Cristo no mundo hostil (At 1.8; 2.22-24; 4.18-20), em capacidade para realizar obras incomuns (Hb 2.4; 1 Co 12.8-10), em resistência ao poder da natureza carnal e do tentador na vida pessoal (Gl 5.16-25). É esse poder espiritual, dado pelo Espírito Santo, que torna o crente vitorioso neste mundo de pecados.

- **Na Vida da Igreja:** o Espírito Santo coloca o crente na Igreja de Cristo, Igreja em sentido universal, porém, manifestas nas igrejas locais (1 Co 12.13,14). Assim, os cristãos regenerados formam uma comunidade do Espírito, onde ele habita (1 Co 3.16; Ef 2.22), dando unidade, (Ef 4.3,4), vida e poder. O Espírito Santo equipa a Igreja com pessoas dotadas de capacidades espirituais para servirem e realizarem o ministério que compete ao Corpo de Cristo fazer (At 20.28; 1 Co 12.8-11). Ele ensina a Igreja (Ap 2.7,11,17,29) e dirige-a na obra missionária (At 13.2; 9.31).



LIÇÃO 4: PNEUMATOLOGIA



A PLENITUDE DO ESPÍRITO SANTO

A recomendação da Bíblia aos cristãos é: "Não vos embriagueis com vinho em que há contenda, mas enchei-vos do Espírito" (Ef 5.18).

O verbo traduzido por "enchei-vos" traz no original quatro lições importantes:

- 1) **É um imperativo** – pois se trata de uma ordem.
- 2) **Está no plural** – por isso, aplica-se a todos os crentes.
- 3) **Está na voz passiva** – o que significa que a ação de estarmos cheios do Espírito é atribuição dEle.
- 4) **Está no tempo presente contínuo** – isto é, designa uma ação constante, contínua, perene. Portanto, pode ser traduzido como "Deixai-vos encher continuamente do Espírito".

O apóstolo Paulo, inspirado pelo Espírito Santo, conforme nos mostra C.S. Lewis, divide o homem em três classes distintas. São elas: 1) O homem natural, como sendo aquele que não nasceu de novo, ou seja, o homem que nunca se mudou espiritualmente; 2) O homem carnal, aquele que ainda é menino em Cristo e que ainda anda conforme o homem; e por fim 3) o homem espiritual.



LIÇÃO 4: PNEUMATOLOGIA

A OBRA DO ESPÍRITO SANTO NA VIDA CRISTÃ

- **O Homem Natural:** o homem natural é o homem que não compreende as coisas reveladas do Espírito Santo, porque para ele, isto parece loucura e porque só poderá ser entendida espiritualmente. A revelação destas coisas nos é dada através do Espírito Santo, sendo assim o homem natural é impotente para compreender as coisas do Espírito, pois o Espírito não está nele. A vida de excelência só pode ser alcançada a partir do momento que entendemos a vida espiritual.

- **O Homem Carnal:** em I Co 3.1-4 o apóstolo Paulo nos mostra a situação dos homens carnais.

Analisando este texto é possível notar que o homem natural é um cristão que, embora convertido, não anda uma vida guiada pelo Espírito Santo, mas ainda vive como um homem carnal. Deus quer que vivamos uma vida moldada e guiada pelo Espírito Santo, pois se ainda estivermos na condição de homens carnais, ou meninos em Cristo, jamais poderemos experimentar as profundezas de Deus, e sendo assim jamais viveremos uma vida excelente.



LIÇÃO 4: PNEUMATOLOGIA

A OBRA DO ESPÍRITO SANTO NA VIDA CRISTÃ

- **O Homem Espiritual:** chegamos a última classificação do homem, o homem espiritual. O homem espiritual é aquele que possui o Espírito Santo de Deus em sua vida e anda conforme o Espírito Santo. Deixando que Deus o domine por completo em toda sua maneira de ser e de agir. A ordem para que este processo aconteça é claramente demonstrado a seguir.

HOMEM NATURAL x HOMEM CARNAL x HOMEM ESPIRITUAL

Isto nos mostra que o processo para se alcançar a excelência de nossas vidas é passar por todos estes processos nos quais Paulo divide o homem. Antes éramos pessoas que viviam sem o conhecimento das coisas do Espírito, éramos homens naturais, depois passamos a conhecer as coisas do Espírito através do nosso novo nascimento em Jesus Cristo, passamos a ser os homens carnis, mas depois que passamos a viver no Espírito, dominados pelo Espírito Santo, aí sim passamos a ser considerados homens espirituais e só a partir disto poderemos viver uma vida espiritual.



LIÇÃO 4: PNEUMATOLOGIA

A OBRA DO ESPÍRITO SANTO NA VIDA CRISTÃ

- **Vida Espiritual:** vida espiritual, nada mais é do que uma vida submissa à vontade do Espírito Santo. Devemos nos esvaziar da nossa própria vontade e do nosso próprio eu, para vivermos uma vida de inteira devoção a Deus, ou seja, um viver no Espírito e não mais na carne. O conceito de vida espiritual, de vida cristã ou de uma vida excelente é facilmente explicada. O difícil é alcançarmos esta vida. Tudo que nos traz benefícios na vida deve ser conquistado. Um emprego, bens, família, amigos e tantas outras coisas que possuímos ou venhamos a possuir, custou ou há de custar muito de nossa parte. Com a nossa vida espiritual não é nada diferente.

Se quisermos viver tal vida, precisamos conquistar este novo modo de vida guiado e moldado pelo Espírito Santo. Mas como viver tal vida? Como alcançar a excelência da vida com Cristo?

A resposta para esta pergunta é **vivendo o caráter de Cristo**. Caráter, disse um sábio certa vez, é o modo como agimos quando ninguém está olhando. Caráter é o que realmente somos na essência.



LIÇÃO 4: PNEUMATOLOGIA

OS DONS DO ESPÍRITO

Ainda falando das obras do Espírito Santo, além das obras em geral na vida cristã, do Batismo e da plenitude do Espírito, é preciso considerar os dons que são concedidos pelo Espírito aos crentes.

- Significado de Dons Espirituais

A expressão dons espirituais vem de charismata (charisma no singular). Sua raiz é charis (graça, favor, dádiva). Literalmente significa "dons da graça". Outra palavra também usada é dorea(doma), e equidade a charismata (Ef 4.7).

Em sentido geral, dons espirituais refere-se a todas as dádivas de Deus por meio de Cristo, como o dom da salvação, da vida eterna, o evangelho. No sentido específico, dons espirituais são capacitações dadas pelo Espírito Santo aos crentes para o desempenho de um serviço cristão e a operação de Deus, tendo em vista o bem-estar e o crescimento da Igreja.



LIÇÃO 4: PNEUMATOLOGIA

OS DONS DO ESPÍRITO

- Relação entre Dons e Talentos

Os dons podem estar relacionados com os talentos, que são qualidades naturais das pessoas, mas não se confundem com eles.

Eles têm algo em comum, mas são distintos. Ambos procedem da mesma fonte, que é Deus. Mas os talentos pertencem à velha criação, enquanto que os dons pertencem à nova criação em Cristo. Entretanto, pela redenção, o que entra na nova criação é a mesma criação antiga, porém restaurada.

Assim é o homem regenerado (Tt 3.5) e o mundo (At 3.21; Rm 8.20,21). Da mesma forma também uma qualidade natural pode ser transformado por Deus para uso no Seu reino, com nova motivação, novo poder, novos efeitos. O aproveitamento prático dos dons está sujeito a um processo de desenvolvimento, como os talentos. Ambos devem ser descobertos e desenvolvidos (Rm 12.6-8).



LIÇÃO 4: PNEUMATOLOGIA

OS DONS DO ESPÍRITO

- Distribuição dos Dons

Os dons são distribuídos soberanamente pelo Espírito Santo. O crente pode pedir um dom, mas o Espírito é soberano para dar "a cada um como quer". O dom é concedido com propósitos. Cada crente recebe pelo menos um dom. Nenhum crente possui todos os dons (1 Co 12.29,30). Daí a necessidade de ajuda mútua na Igreja (Rm 1.11,12).

- Os Dons mencionados na Bíblia

Os dons estão mencionados em mais de um lugar na Bíblia. Entretanto, nenhuma lista é completa, e nem todas elas juntas abrangem todos os dons que o Espírito pode conferir aos crentes. Ele pode dar outros dons que não estão mencionados na Bíblia de acordo com a necessidade do povo de Deus na sua história. A.H. Cremer, escreveu que o número de dons está relacionado a necessidade que cada igreja, e que as listas contidas em 1 Coríntios 12, Romanos 12 e Efésios 14 não pode ser consideradas como completas.



OS DONS DO ESPÍRITO

- **Apóstolo:** o termo apóstolo tem um sentido limitado e outro amplo. Em sentido limitado, apóstolo designa aqueles que estiveram pessoalmente com Jesus e foram por ele enviados como suas testemunhas; abrange os "doze" e mais Paulo, que também viu o Senhor, já glorificado, e foi por ele mandado como pregador aos gentios. Neste sentido mais restrito, o apostolado cessou e o seu testemunho, registrado na Bíblia, serve de base para a Igreja de Cristo (At 1.221-26; Ef 2.20). Mas num sentido amplo, apóstolo quer dizer alguém enviado para levar o evangelho a um povo; assemelha-se à ideia moderna de missionário.



LIÇÃO 4: PNEUMATOLOGIA

OS DONS DO ESPÍRITO

- **Profeta:** a palavra "profeta" é uma transliteração do grego prophetes, que deriva de dois termos: pro, que significa "antes" e "por, a favor de", e phemi, que significa "declarar, falar). Em conjunto, a palavra prophetes pode indicar "alguém que prediz" (conta antecipadamente), "alguém que fala por, ou a favor de". Desde que o cargo de profeta começa no Antigo Testamento, a definição básica deve iniciar-se ali O termo hebraico para "profetas" é nabi, que significa "anunciar, testemunhar ou testificar".

O profeta é alguém que fala ao povo, Por ordem de Deus, a palavra que Ele lhe põe na boca. Isto é confirma pelas palavras do Senhor a Moisés, quando este declarou não capacidade para falar ao Faraó: (Ex 7:1,2).

Existem dois tipos de profeta no Novo Testamento: os que ocupam o cargo de profeta e os que possuem o dom de profecia na igreja. Os da primeira categoria estão entre os dons de ministério; os da segunda poderiam incluir qualquer crente cheio do Espírito Santo. Nem todos podem ocupar o cargo de profeta, mas segundo "todos podereis profetizar, um após o outro". Assim sendo, o dom da profecia não torna a pessoa um "profeta" (dom de ministério).



LIÇÃO 4: PNEUMATOLOGIA

OS DONS DO ESPÍRITO

- **Evangelista:** "Evangelista" vem do termo grego evangelistes, que é definido como "alguém que proclama boas novas". O termo "evangelho", em português, traduz outra forma da mesma palavra grega. Um evangelista é então aquele que se dedica inteiramente a "pregar o evangelho", especialmente a mensagem da salvação. O termo "evangelista" só é usado três vezes no Novo Testamento. Não obstante, Paulo menciona o evangelista como um dos ministérios de dons para a igreja. Só Filipe é especialmente chamado de "evangelista"; mas obreiros como Timóteo, Lucas, Clemente e Epafras talvez tenham trabalhado como evangelistas.

Evangelista, portanto, é uma capacitação dada pelo Espírito para transmitir o evangelho da salvação. Sua mensagem gira em torno do conteúdo salvífico do evangelho (At 8.35). Este dom é abundante nos dias da igreja. É o ganhador de almas tanto na esfera da igreja local como em âmbito mais amplo, como nas grandes cruzadas evangelísticas.



LIÇÃO 4: PNEUMATOLOGIA

OS DONS DO ESPÍRITO

- **Ensino, Palavra da Ciência, Mestre:** estes dons estão relacionados pela sua natureza. Ensino é parte da atividade do pastor. Visa firmar, na vida dos crentes, o conhecimento da Palavra de Deus e a sua aplicação no pensar e agir diários. Palavra da ciência é o dom de pesquisar, sistematizar e sumariar os ensinamentos da revelação já dada, para que o crente adquira uma compreensão mais profunda da verdade divina. Mestre é a capacidade de firmar o crente no conhecimento da Palavra de Deus e na obediência. Também é um dom relacionado com o trabalho pastoral.



LIÇÃO 4: PNEUMATOLOGIA

OS DONS DO ESPÍRITO

- **Exortação, Palavra da Sabedoria, Pastor:** Estes dons também estão relacionados. A exortação (paraklesis, Rm 12.8) visa o encorajamento, conforto, consolação, com base na Palavra de Deus. O profeta desempenha este papel (1 Co 14.3), e o pastor também. Mas não só eles; muitos irmãos recebem o dom de exortar e desempenham uma função importante no corpo de Cristo. A palavra da sabedoria relacionasse com certas circunstâncias especiais onde se requer uma palavra sábia, que dê solução a um impasse (Lc 21.15; At 6.9,10). Uma palavra certa para momentos especiais (Tg 1.5,6). É fundamental para o ministério do aconselhamento. Pastor (gr. poimen) costumava referir-se ao líder espiritual de uma igreja local, sendo encontrada, nesse sentido, apenas uma vez no Novo Testamento (Ef 4:11). Todavia, a figura da igreja como um "rebanho" (gr. poimen) e do trabalho do líder espiritual da igreja como "pastorear o rebanho de Deus" (gr. poimaino) é encontrada várias vezes.



LIÇÃO 4: PNEUMATOLOGIA

OS DONS DO ESPÍRITO

- **Repartir:** Repartir é a capacidade espiritual de dar liberalmente (1 Co 13.3). Como exemplos desse dom podemos citar Barnabé (At 4.32-37) e os crentes da Macedônia (2 Co 8.1-5). Independente do dom, todos somos exortados a contribuir proporcionalmente (1 Co 16.2) e a "abundar nessa graça" (2 Co 8.7). Mas os que tem o dom o fazem com entusiasmo, e vão além do comum.

Existem na igreja alguns que tem o dom de "dar". Não se trata da pessoa que administra as obras de caridade da igreja. Este doador é aquele que compartilha de seus bens com outros com grande generosidade. "Aquele que contribui" traduz o grego *ho metadidous*.

O que tem o dom de contribuir pode canalizar seus dons através da igreja, mas ele é mais que um oficial que distribui as ofertas de outros; ele dá de seus próprios bens, motivado pelo Espírito Santo, dando com extraordinária generosidade. Um exemplo dessa contribuição é encontrado em 2 Coríntios 8.



LIÇÃO 4: PNEUMATOLOGIA

OS DONS DO ESPÍRITO

- **Presidência, Governo:** Presidência ou governo é a capacidade dada pelo Espírito para presidir e dirigir outros na obra de Deus. Atualmente, a palavra liderança reflete bem a idéia. Este é um dom particularmente necessário na igreja, e os pastores precisam dele e precisa ser cuidado para não se tornar um dominador do rebanho (I Pe 5. 3).

A palavra grega traduzida "governos" (kubernesis) só é encontrada uma vez no Novo Testamento. Todavia, o substantivo kybernetes ocorre duas vezes, referindo-se ao comandante de um navio (mestre do navio).

A forma verbal significa "pilotar", "ser um timoneiro". O dom de governos, então, parece descrever uma capacidade espiritual dada a certos líderes para guiar a igreja através de tempestades e mares revoltos. Com base em 1 Timóteo 5:17, alguns raciocinaram que existem duas classes de presbíteros nas igrejas, presbíteros professores e presbíteros supervisores.

A igreja tem necessidade de diferentes tipos de liderança. Muitos dos homens escolhidos por Deus ocupam posições executivas de liderança, administração, gerência de fundos e orientação de pessoal.



LIÇÃO 4: PNEUMATOLOGIA

OS DONS DO ESPÍRITO

- **Misericórdia, Socorro:** O dom da misericórdia ou do socorro se reflete num alto grau de sensibilidade para com os sofrimentos dos outros e na tendência compassiva de dar ajuda prática (At 9.36,39).

A palavra "socorros" vem do grego antilempseis, que é usada uma única vez no Novo Testamento. A forma verbal (antilambano) ocorre em três passagens, uma das quais dá uma boa indicação do significado do dom: "Tenho-vos mostrado em tudo que, trabalhando assim, é mister socorrer (antilambano) aos necessitados, e recordar as palavras do próprio Senhor Jesus: "Mais bem-aventurado é dar que receber" (At 20:35) As palavras de Paulo eram dirigidas aos presbíteros de Éfeso, em cujas mãos estava sendo entregue o cuidado da igreja daquela cidade. Eles foram encarregados de alimentar a igreja na Palavra de Deus (v.28) e resistirem aos falsos mestres (vv.29,30). Mas foram também instruídos a executar um ministério de "socorros" (antilempsis) em benefício dos "fracos" física e financeiramente, isto é, os doentes e necessitados. A palavra grega para "misericórdia" é eleeo, definida como "ter piedade ou misericórdia de", "ter compaixão".



LIÇÃO 4: PNEUMATOLOGIA

OS DONS DO ESPÍRITO

- **Fé:** Quase todos os que escreveram sobre os dons se referem ao dom da fé como o de “fé especial”. A razão para isto é que o dom da fé difere da fé salvadora e da fé cristã normal, sem a qual “é impossível agradar a Deus” (Hb 11:6). Toda fé é semelhante em sua natureza, mas o dom de fé especial difere das outras em grau e aplicação.

Donald Gee escreve, com respeito a esta fé: “Ela parecia vir sobre certos servos de Deus em tempos de crise ou oportunidade especial com tal poder que eles são tirados da esfera da fé natural ou comum em Deus - e recebem uma certeza divina em suas almas que triunfa sobre tudo.”

Jesus talvez estivesse descrevendo esta qualidade de fé quando disse a seus discípulos: “Tende fé em Deus” (Mc 11:22). O grego de Marcos 11:22 diz literalmente: “Tenha a fé que Deus tem.”

Jesus sugeriu no versículo seguinte que com esta fé divinamente concebida é possível dizer a um monte: “Ergue-te e lança-te no mar” e isso acontecerá. O monte simbolizava qualquer obstáculo aparentemente impossível para a missão da igreja.



LIÇÃO 4: PNEUMATOLOGIA

OS DONS DO ESPÍRITO

- **Curas:** No grego, ambos os termos, “dons” e “curas”, são plurais. Este fato pode sugerir que existem muitos dons de cura para diferentes moléstias, ou que cada exercício do poder de cura é um dom separado.

Ninguém teve certamente um ministério de cura para todas as pessoas doentes. Jesus curou todos os que se aproximaram dele em certas ocasiões, mas foi limitado em outras pela falta de fé por parte do povo (Mt 13:58). Do que temos certeza é que Deus fez provisão para que a cura física fosse um ministério da sua igreja e que os dons de cura iriam operar juntamente com a fé.

A cura é tão comum nos ministérios de Jesus e dos apóstolos que uma igreja sem o dom de “curas” pareceria bastante afastada do padrão bíblico. Além dos dons de cura, todos os presbíteros (pastores) devem estar prontos a ungir com óleo todos os doentes que pedirem e a orar por eles através da oração de fé. Deus prometeu levantar o enfermo e perdoar seus pecados (Tg 5:14-16).



LIÇÃO 4: PNEUMATOLOGIA

OS DONS DO ESPÍRITO

- **Milagres:** A operação de milagres é a tradução do grego energemata dunameon, que é literalmente interpretado como "operações de poderes sobrenaturais".

Este não é um dom que torna a pessoa um "milagreiro". Ao que parece, de acordo com a pluralidade das expressões, cada milagre ou manifestação sobrenatural de poder é operado através de alguém com o dom da fé (Mt 17:20; 21:20-22).

O que é um milagre? "Um evento ou ação que contradiz aparentemente as leis científicas conhecidas, sendo, portanto, julgado proveniente de causas sobrenaturais, especialmente de um ato de Deus."

Os termos gregos traduzidos como "milagres, prodígios e sinais" são dunameis, terata e semeia. Eles significam literalmente "eventos de poder divino", "eventos que produzem admiração" e "eventos que significam algo" (sobre Deus ou suas obras). Deus não manifesta o seu poder só para causar admiração, Ele sempre tem um propósito ou ensina alguma coisa com os seus milagres.



LIÇÃO 4: PNEUMATOLOGIA

OS DONS DO ESPÍRITO

- **Discernimento de Espíritos:** O dom do discernimento de espíritos está mais relacionado com a profecia e com o ensino. Trata-se da capacidade espiritual de perceber o erro no meio de verdades e denunciar o espírito que está agindo. É um dom necessário aos pastores para proteção dos crentes.

“Discernimento de espíritos” vem do grego diakriseis pneumatou. O termo grego diakreisis é definido como "discernir, discriminar ou distinguir". A forma verbal é usada em Hebreus 5:14: “Mas o alimento sólido é para os adultos, para aqueles que, pela prática, têm faculdades exercitadas para discernir não somente o bem, mas também o mal”.

Evidentemente, o dom de discernir espíritos é a capacidade de discernir a fonte de uma manifestação espiritual, se é o Espírito Santo, um mau espírito, ou simplesmente o espírito humano. Em 1 Coríntios 14:29, Paulo diz: “Tratando-se de profetas, falem apenas dois ou três, e os outros julguem (discernir - diakrino)” Isto parece insinuar que alguém com o dom de discernimento deveria estar presente ao ser usado o dom de profecia.



LIÇÃO 4: PNEUMATOLOGIA

OS DONS DO ESPÍRITO

- **Variedade de Línguas:** Isto significa literalmente "tipos de línguas" (gr. gene glosson). O termo "variedade" sem dúvida refere-se ao fato de haver "outras línguas" e "línguas dos homens e dos anjos" (1 Co 13:1). Algumas línguas são idiomas humanos, como no dia de Pentecostes (para mostrar que o evangelho era para todas as raças e nações); outras são de origem celestial (dos anjos, usadas para louvor e oração, onde a mente é superada).

Destas últimas, é dito que quem fala em línguas fala a Deus, fala mistérios e que ninguém o entende. As línguas como um "sinal" podem ser linguagens conhecidas ou não. Se alguém empregar línguas apenas em devoção particular (línguas estranhas), elas serão provavelmente novas línguas ou línguas celestiais concedidos pelo Espírito.

É de máxima importância observar que os usos das línguas são diversos. Se não houver intérprete presente, quem fala em línguas deve manter-se em silêncio. Os que têm o dom de línguas para manifestação pública devem orar pelo dom de interpretação de línguas que o acompanhe. Se quem fala em línguas não souber se há um intérprete, deve estar preparado para interpretar.



LIÇÃO 4: PNEUMATOLOGIA

OS DONS DO ESPÍRITO

- Variedade de Línguas:

Segue-se um resumo dos diferentes usos discerníveis no falar em línguas:

- ▮ A evidência física inicial do batismo no Espírito Santo (At 2:4; 10:45,46; 19:6);
- ▮ Orar em línguas como uma linguagem de oração, quando a mente é superada e o espírito se comunica diretamente com Deus (1 Co 14:2,14,15; Rm 8:26,27);
- ▮ Línguas com interpretação, para a edificação espiritual do corpo da igreja (1 Co 14:5,26-28);
- ▮ Línguas juntamente com interpretação, como um “sinal” para o incrédulo (1 Co 14:22). As línguas podem ser um sinal da presença de Deus, ou podem servir de sinal quando o incrédulo entende o idioma falado.



LIÇÃO 4: PNEUMATOLOGIA

OS DONS DO ESPÍRITO

- **Interpretação de Línguas:** A palavra "interpretação" traduz o termo grego hermeneia, do qual deriva a palavra "hermenêutica" (ciência da interpretação). O termo grego pode ter diversos sentidos: "tradução", "explicação" ou "interpretação". A forma verbal da palavra é usada várias vezes (Jo 1:38,42; 9:7; Hb 7:2) com o significado de "tradução". A forma substantiva hermeneia só se encontra em 1 Coríntios 12 e 14, onde é usada com relação ao dom espiritual. O sentido básico da palavra sugere mais a ideia de "explicação" ou "interpretação". Não é necessário, portanto, que a interpretação de um pronunciamento em línguas seja uma tradução literal, palavra por palavra, mas sim uma explicação do significado. A interpretação pode variar razoavelmente em extensão do pronunciamento em línguas. Onde o dom de línguas é exercido para edificação da igreja, ou como sinal de um dom, a interpretação é essencial, pois Paulo limita o dom de línguas a uma linguagem de oração pessoal a não ser que acompanhado de interpretação (1 Co 14:13,27,28). Os que possuem o dom de línguas são advertidos a orar pedindo o dom da interpretação (1 Co 14:13).

